

A photograph of a single, vibrant red rose with several green leaves, positioned diagonally across the center of the page. The rose is partially obscured by the large text.

FELIZ REGRESSO

Francisco Cândido Xavier
Espíritos Diversos





FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editôra)

X19f

Xavier, Francisco Cândido, 1910-

Feliz regresso / Francisco Cândido Xavier; texto e diagramação de Vivaldo da Cunha Borges; capa e produção de Rubens Silvio Germinhasi. - São Paulo: Editôra André Luiz, 1981.

128 p.: il.

1. Espiritismo 2. Psicografia - Mensagens I. Título.

CDD-133.9
-133.922

Índices para o Catálogo Sistemático:

1. Espiritismo 133.9
2. Psicografia: Mensagens: Espiritismo 133.922



Edição



Instituto Divulgação Editora André Luiz
Rua Lord Cockrane, 594 - Cx. Postal 42383
CEP 01000 - São Paulo - Brasil
C.G.C. 47.112.263/0001-56
1.ª edição: 1.º ao 15.º milheiro
Janeiro 1981

Diagramação:
Vivaldo da Cunha Borges
Capa e Produção:
Rubens S. Germinhasi
Fotolitô/Fotocomposição:
Unida S.A. Ind. de Artes Gráficas
Impressão:
Monsanto Editora Gráfica Ltda.

Sumário

Feliz Regresso/6

- 1 • Augusto Cesar Netto/8
- 2 • Maria Celia e Maria Helena Marcondes/16
- 3 • Ricardo Leão de Oliveira/30
- 4 • Mirna Lagorga/34
- 5 • Paulo Henrique Dantas Bresciani/40
- 6 • Mauro Lira/46
- 7 • Álvaro Gonçalves/52
- 8 • Sérgio Luiz Mandarino/58
- 9 • Andréa Lodi
- 10 • Cacilda Becker Yaconis/70
- 11 • Francisco Savério M.S.E Orlandi/76
- 12 • Jorge Luiz Camargo/82
- 13 • Rosana Augusto Infante/88
- 14 • Miguel Angelo Lappena/92
- 15 • Oscar Cicuto Filho/96
- 16 • João Carlos Frederico Coelho/102
- 17 • Marco Antonio Peres Fernandes/106
- 18 • Rosângela e Paulo Sérgio Silvério Leite/112
- 19 • Paulo Sérgio Basile/122



FELIZ REGRESSO

Leitor amigo:

Este é um livro, de coração para corações, relacionando notícias de companheiros que retornaram da Vida Espiritual para o reencontro de afeições queridas que se lhes situam à retaguarda, no Plano Físico.



Reunindo páginas de saudade e esperança, apoio e consolação, esperamos seja o presente volume um convite iluminado de amor, induzindo-nos todos ao

reconforto e à própria renovação espiritual.



Acolhendo no íntimo, a generosa assembléia de companheiros que se erguem aqui, à condição de mensageiros do bem, agradeçamos a todos eles o devotamento com que se empenham a servir-nos, na oficina da luz, e, ao resguardar-lhes as palavras de elevação e de bênção, estejamos confiantes na vida e rendamos graças a Deus.

Emmanuel

Uberaba, 17 de janeiro de 1981

Augusto



Augusto Cezar Netto
Nascimento: 27.9.1942
Desencarnação: 27.2.1968

Pais:

Raul Cezar
Yolanda Cezar
Rua Marcos Lopes, 204
São Paulo - SP

Pessoas e Fatos

Avós: Antonio Rotta - Hermelinda Amaral Rotta, materno

Avô: Augusto Cezar, paterno

Irmãs: Maria Otilia Toscano - Zuleica Cezar Carvalho,
Marly Cezar de Almeida

Cunhados: Walter Toscano - Celso Mesquita Carvalho
Paulo Roberto B. de Almeida

Augusto Cezar.

O que falar desse jovem?

Foi um filho admirável.

O coração de sua mãe, Yolanda Cezar, dirá tudo isso e muito mais. Nós o sabemos.

Depois de 4 anos de espera, de angústia e saudade, sua mensagem chegou. Explode a alegria num coração amargurado. A mamãe Yolanda está feliz. Chora e ri. Soluça tanto que mal pode se conter. O seu Augusto nasce novamente. Sua voz ali está escrita, faz-se ouvir naquele coração, implantando a certeza de sua presença.

Seu pai, suas irmãs não acreditavam no que liam, nos detalhes e nas particularidades a lhes expressarem a própria vida. Mal podiam supor que principiava a escalada da felicidade.

A família Cezar, através de Augusto, estréia uma nova etapa nas experiências aprovadas por Jesus.

Suas mensagens se fazem sentir, corações maternos encontram nesse rapaz, na sua linguagem singular, a certeza da sobrevivência dos entes amados supostamente desaparecidos.

As cartas se sucedem, a formação de livros é realidade e a certeza de que a vida continua está patente.

Pia Passini Maciel (desencarnada): mãe de Acácia Maciel Cassanha, Digníssima Diretora do LAR DO AMOR CRISTÃO, entidade filantrópica de amparo às crianças.

Amigos da família: Margarida Cremitti Cardoso e sua filha, Ana Rita Cardoso Pedra - Luiza P. Fernandes. Aracy Moura Assunção.

Querida Mamãe, meu querido papai, este é um grande momento de nossas recordações e começo por pedir a ambos para que me abençoem.

Temos o recinto repleto de amigos queridos. Flores. Alegrias. Não sei como agradecer. A emoção se me concentra no peito e parece que o rapaz alegre da Vila aprendeu a descobrir que a felicidade igualmente derrama lágrimas. As lágrimas iluminadas de confiança em Deus e de gratidão aos entes amados. Trinta e seis velinhas para que apague todas num sopro único. Mas como fazê-lo se não acomodar-me à prece e rogar a Deus para que os recompense? Antigamente as luzes e o bojo somavam o júbilo doméstico. A família reunida. Os companheiros presentes. A festa hoje é a mesma, entretanto, as formações são diversas. Permitiu Jesus que as chamas inesquecíveis da mesa se transformassem nas páginas de fé e paz, otimismo e esperança que a Divina Providência permitiu fossem trazidas por minhas pobres mãos aos companheiros do mundo, refletindo as Luzes do Mais Alto que não podem ser apagadas em tempo algum e o bolo do natalício, com os enfeites e confeitos, notas de alegria e manifestações de paz foram transformados em bênçãos da caridade, que nos impele agora a aumentar a mesa da rua Marcos Lopes.

Meu pai, muito obrigado. Você, companheiro inesquecível, nos tem dado tanto! Acompanho o seu carinho ao se fazer o avalista das tarefas da mamãe, sempre crescentes. Muito obrigado pela sua dedicação àquelas areias benditas em que uma nova química se revelou para nós. Você, Papai, realizou o prodígio da grande transmutação. Enquanto as águas vão passando, fecundando terras e abençoando plantas, suas mãos abnegadas consultam-lhes o leite, extraindo dele o material que serve duplamente: as suas areias constroem casas e abrigos, fábricas e instituições, mas edificam

também outra espécie de benefícios - seu coração de trabalhador correto e consagrado ao bem, efetua a sublime renovação. Areias convertidas em pão dos necessitados, agasalhos para os que enfrentam o frio da noite sem o aconchego de um lar, alegria de crianças desprotegidas e apoio de mães sozinhas que, por vezes, vagueiam na Terra, à procura da migalha de socorro que lhes atenua as aflições. Compreendo sim, compreendo que esse lado de sua benemerência ficou sob os encargos da Mamãe que tem a felicidade de encaminhar esses recursos para a seara do bem. Por isto mesmo, nesta união de aniversário em que os parabéns endereçados pela bondade dos corações amigos me alcançam o espírito, desejo transferir essas felicitações aos pais queridos, aos quais Deus me confiou. Lembro-me de todos os dias que se foram... E, em lhes manifestando todo o contentamento que me vai na alma, peço desculpas por todas as preocupações de que fui motivo, durante a minha permanência curta na Terra. Sei que protestarão, adivinho que a generosidade dos dois me pincelará na memória e na palavra, à feição de um moço perfeito, entretanto, observo hoje que as lentes do tempo me oferecem nova visão da vida e das cousas, quantas dificuldades lhes impus. E o filho reconhecido faz deste nosso encontro a razão para solicitar-lhes ainda, em meu favor, aquela ternura de pais que compreendem sempre e perdoam tudo. Creiam, no entanto, que os exemplos de casa me ampararam em todos os momentos e hoje guardem a certeza de que me volto para a verdade, buscando traduzir as lições que me oferecem no trabalho a que me dedico. Nossa festa de aniversário tem sido permanente, graças a Deus. E mamãe, tendo escutado com toda alma as palavras do filho que não desapareceu, vem sendo a nossa administradora abençoada nesse setor de bênçãos.

Agradeço-lhes, pais queridos, quanto fazem por mim, doando-me tantas oportunidades de trabalhar... Continuo alegre e confiante na vida e espero que meu pai Raul

prossiga firme em seu ideal de bem servir. Nossa reunião está pontilhada de luzes e bênçãos.

Amigos de ontem e de hoje se reúnem conosco para celebrar. Nossa querida Mãezinha Pia, com nossa Acácia, está presente junto de nosso Oscarzinho e de outros amigos nossos; as nossas queridas irmãs Marcondes comparecem com a grandeza de coração que lhes conhecemos; a vovó Hermelinda e o vovô Antonio nos acompanham com alegria; o nosso irmão Júlio abraça a irmã Luiza, afetuosamente, agradecendo os pensamentos de amor e carinho pela data que hoje transcorre; o irmão Manoel abraça com carinho nossa irmã pelo coração Margarida e a filhinha querida que tanto lhe fala ao espírito; o amigo Assunção traz à nossa irmã Aracy um ramalhete de rosas, agradecendo a ela a nova fé com que se dirige a ele, e outros amigos muitos nos compartilham das alegrias desta noite inolvidável pela beleza das lembranças que me fazem evocar. Sim, a morte não nos desuniu e nem nos impôs qualquer separação, porque, pela praça da beneficência, estabelecemos a bendita comunhão de almas em que estamos vivendo. Pelas palavras tão-só nem tanto continuaríamos integrados uns nos outros, mas pela força do bem estamos sempre mais juntos. Em razão disso, estou abençoando o setembro que me trouxe, tanto quanto exalto o fevereiro que me marcou o regresso. Digo assim porque a volta me fez reconhecer que a nossa família não se limitava aos corações nascidos do encontro de meus avós e sim estava ampliada no mundo inteiro. Desde o dia em que Mamãe penetrou as portas do Lar do Amor Cristão, em companhia do meu avô Augusto, que me queria tão transformado quanto ele próprio, entendi — em que todos os rapazes sem esperança e sem abrigo eram filhos de meu pai Raul e de minha Mãezinha Yolanda, e que todos os seres, especialmente os que estivessem atravessando provas e aflições, eram e são irmãos nossos perante Deus. Um desejo tremendo me explodiu no íntimo: o anseio de comunicar a todos os meus entes queridos semelhante

descoberta e, com os dias, em me religando à Mãezinha, conseguimos que as irmãs queridas compreendessem... E elas compreenderam. Se não militam com mais ardor no caminho novo em que espiritualmente viajamos agora, sob a proteção do Senhor, é que devem à Sabedoria da Vida o desempenho de encargos outros, junto às famílias em que cultivam, junto dos companheiros e dos filhinhos queridos as forças de sustentação do Mundo Melhor. Posso dizer-lhes que estou feliz. Despendendo menos tempo do que aquele que despendemos na aquisição da química industrial, tenho hoje um diploma que me honra e me entenece - o diploma de irmão dos que sofrem, dos que não chegaram a ver ainda o sol da manhã no mundo porque a existência lhes tem sido uma noite permanente de lágrimas, irmão dos que erram por ignorância e que devem ser reerguidos com desvelado amor, dos pequeninos sem teto, dos companheiros que desceram para o desfiladeiro de perigosos enganos e de todos aqueles outros que as circunstâncias feriram ou que os deixaram esmagados de pranto e desolação...

Esta é agora, mãe querida, a minha felicidade maior: acompanhá-la em suas peregrinações de bondade, em seus empreendimentos socorristas, em seus planos de assistência aos necessitados e em seus passos no rumo dos lares em sofrimento. E ninguém julgue que me revesti de titulações religiosas ou que me haja feito anjo fajuto de um dia para outro. Apenas caminho. Caminho e compreendo. Compreendo e aceito a minha própria renovação. Isso tudo com a mesma alegria de outros tempos, com a mesma espontaneidade que me selava as manifestações. Tão-somente, no trevo da morte, segundo as idéias do Plano Físico, escolhi um caminho diferente. O caminho que Jesus nos traçou. E segundo Ele próprio nos diz, através dos seus inesquecíveis ensinamentos, não ter vindo ao mundo para curar os sãos, sinto-me na condição do rapaz ainda doente que se abeira da farmácia do Divino Médico, de maneira a curar-se em definitivo para o Bem.

Veja, Mãezinha, que seu filho está feliz e com o seu

próprio coração de obreira do amor ao próximo, agradece a Deus a presença do meu querido Papai Raul ao nosso lado. Às nossas queridas Maria Otília, Zuleica e Marly, com os nossos estimados companheiros Walter, Celso e Paulo, o meu abraço de fraternidade e de alegria. A cada coração de nossa família espiritual reunidos nesta noite de bênçãos para acréscimo de nosso contentamento, as melhores vibrações do meu pensamento agradecido e, enlaçando o papai Raul em meus braços, procuro as suas mãos queridas para beijá-las em meu reconhecimento.

Perdoe, Mamãe, se tenho ainda tão pouco para doar de mim mesmo, mas receba-me de novo em seu coração, como naquele 27 de setembro de 1942. Seu filho tem frio, aquele frio com que chegou ao seu colo, necessitado de tudo. Frio de saudade que o sol do amor faz desaparecer. Abrace-me de novo. "Como se chamará ele?" alguém talvez novamente pergunte em me observando assim tão pequenino, qual me faço e você, com meu pai, responderão outra vez: terá o nome de Augusto, será o nosso Augustinho... Quem diz que o mistério do amor entre mães e filhos terá desaparecido da Terra? Aqui estamos nós para desmentir.

Esqueço-me de tudo o que terá passado em meu caminho para ser, nesta hora, simplesmente seu filho, seu pequenino que se lhe abriga no regaço, pedindo proteção e recebendo imenso amor.

Mãe querida, hoje queria escrever especialmente para você e meu pai.

Se o fiz, não sei. Mas sei que lhe beijo os cabelos com, aquela explosão de alegria por pertencer-lhes e que sou e serei sempre, com o seu carinho e por seu carinho, o seu filho, sempre seu,

AUGUSTO _____



Mãezinha Querida ...

*Seu filho tem frio,
aquele frio com que chegou
ao seu colo,
necessitado de tudo.*

*Frio de saudade que
o sol do amor faz desaparecer.*



Maria Célia

Maria Helena



Maria Célia Marcondes
Nascimento: 27.9.1951
Desencarnação: 29.4.1975

Maria Helena Marcondes
Nascimento: 26.4.1954
Desencarnação: 28.6.1976

Pais:

Dioscórides Marcondes dos Santos Freire
Maria José Caetano Marcondes
Av. República, 383
Santa Isabel - SP.

Pessoas e Fatos

Maria Célia,
nasceu e viveu com grande deficiência física, nunca tendo conseguido se locomover e nem se expressar verbalmente ou fazer uso das mãos pela completa ausência do tato.

Maria Helena,
desencarnou em acidente automobilístico, na auto-estrada Moji-Dutra.

Irmãos: Homerinho - Maria Eliza - Marcelo e Marcos

As mensagens das irmãs Maria Célia e Maria Helena, descritas como uma constelação, brilham na essência e abrem caminhos no vácuo da incerteza.

Interpretam, amam e contracenam no palco da vida com encarnados e desencarnados, discorrem os fatos e acontecidos, incentivam, desejam e informam.

Dessas informações, uma dispensaria qualquer demonstração. Na evidência do fato, citado por Maria Helena, é de vital importância a publicação da certidão de óbito de Salvador Lima Cabral, pelo valor da pesquisa que a família empreendeu em buscar essa verdade.

Neste volume encontra-se a cópia do referido documento, que confirma nome, local e data da desencarnação. Essa pessoa foi conhecida somente por seu avô Homero.

Vovô (Vicente) Caetano, bisavô materno, desencarnado há quase 65 anos, Bebedouro-SP.

Vovô Stamato. Avô materno. Desencarnado há quase 60 anos, em Bebedouro-SP.

Vovô Homero. Avô paterno, desencarnado em Guaratinguetá. Marquinho (Marco Aurélio) primo, irmão de criação.

Tia Sinhá - Tia-Avó paterna, desencarnada há mais ou menos 30 anos a quem a mãe das irmãs Marcondes não conheceu.

Toninho - Na ocasião da desencarnação era namorado de Maria Helena.

Capitão Joaquim de Mello Freire - Capitão Paulino Freire Dr. Deodato Wertheimer, professor Avelino Borges, as irmãs Placidina e Ana Moura, ilustres personagens da cidade de Moji das Cruzes. Desencarnados há vários anos. Dessas pessoas, somente o Dr. Deodato Wertheimer e o Capitão Joaquim de Mello Freire foram conhecidos por seu pai. As demais, somente os avós e parentes idosos é que as conheceram.

Padre José - Muito querido em Santa Isabel, desencarnou quando Maria Helena contava com poucos anos de vida.

José Garcia - Amigo do Avô Stamato, um dos iniciadores do espiritismo em Bebedouro, SP. Desencarnou há dezenas de anos.

Ana Cezária Pimenta - Pessoa de destaque na cidade de Bebedouro. Conhecida apenas pelos bisavôs e parentes mais idosos.

Lar do Amor Cristão - Entidade filantrópica de amparo à criança, em São Paulo.

Irmã Pia - Pia Passini Maciel, fundadora do Lar do Amor Cristão.

Augusto Cezar - Oscarzinho - Lenise e Volquimar, jovens desencarnados, amigos espirituais.


Jacinta e Fernando Luiz, cunhada e sobrinho.

Já - apelido de Jacinta.

Yolanda - Pessoa amiga, mãe de Augusto Cezar.

Acácia - Filha de Pia Passini Maciel, pessoa amiga, diretora do Lar do Amor Cristão.

Aracy - Pessoa amiga.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais
- DO -
DISTRITO DA SEDE DA COMARCA DE
MOJI DAS CRUZES
ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL

CARTÓRIO
Rua José Bonifácio, 68 - 1.º And.
Fone: 2184

Diomar de Mello Freire
ESCRIVÃO
Clara Dalbelles
OFICIAL MAIOR

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO e dou fé que sob n. 372 - à fls. 195 - do livro C. 18 - de registro de óbitos, foi lavrado o assento de Salvador de Lima Cabral falecido aos cinco (5) de Agosto de mil novecentos e ante e uno (1921) às 7 horas e ... minutos neste distrito na Bairro da Ponte Grande do sexo masculino de cor (melanota) de profissão preparatório com 50 anos de idade, natural de esta cidade domiciliado e residente nesta cidade estado civil casado com Francisca Maria de Lima filha de Antônio de Oliveira Cabral e de dona Antônia Maria de Lima Tendo sido declarante João Martins Franco e o óbito atestado pelo doutor Deodato Wertheimer que deu como «causa mortis» gripe e complicações cardíacas e o sepultamento foi feito no cemitério desta cidade

Observações: O referido deixa filhos menores; não deixou testamento.

O referido é verdadeiro.

Mogi das Cruzes, - 6.º de Julho de 1927

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL
Diomar de Mello Freire
- ESCRIVÃO -
MOJI DAS CRUZES - Est. S. Paulo

Clara Dalbelles
ESCRIVÃO
CLARA DALBELLES
OFICIAL MAIOR

Reconhecer Firma no 8.º Tabelião
Rua São Bento, 315 - São Paulo

A Trib. de C. e Reg. de Just. de São Paulo, no Livro C. 18, fls. 195, do Registro de Óbitos, sob o nº 372, lavrou-se o assento de registro de óbito de Salvador de Lima Cabral, falecido aos cinco (5) de Agosto de mil novecentos e ante e uno (1921) às 7 horas e ... minutos neste distrito na Bairro da Ponte Grande do sexo masculino de cor (melanota) de profissão preparatório com 50 anos de idade, natural de esta cidade domiciliado e residente nesta cidade estado civil casado com Francisca Maria de Lima filha de Antônio de Oliveira Cabral e de dona Antônia Maria de Lima Tendo sido declarante João Martins Franco e o óbito atestado pelo doutor Deodato Wertheimer que deu como causa mortis gripe e complicações cardíacas e o sepultamento foi feito no cemitério desta cidade

Querida Mãezinha, abençoa sua filha.

Maria Helena e eu desejávamos complementar com a nossa modesta colaboração a festa consagrada ao nosso irmão Augusto, a fim de falarmos em nossos aniversários.

Agradeço, eu mesma, os pensamentos de carinho com que me iluminaram o coração e as dádivas de amor que me proporcionaram, na pessoa de nossos pequeninos e de nossas irmãs que desde ontem acolhem as lembranças do nosso amigo aniversariante do dia 27.

Hoje, queremos, a irmã e eu, felicitá-la igualmente por seu dia 29, a data formosa em que os nossos corações, com o coração do papai, nos enfeitávamos com as flores da alegria. Parabéns, mãezinha querida! Deus a recompense com a felicidade que o seu carinho faz por merecer.

Hoje, estamos aqui todos juntos. Vovó Ester, papai, Maria Elisa e os meninos, agora homens feitos, e o Homerinho com a Já e o nosso Fernando interligados conosco pelos fios do pensamento. Pois hoje, Mãezinha, venho pedir a você um presente diverso, contando a minha história.

Começarei por dizer que em meados deste século, peregrinava no Plano Espiritual, com cinco irmãos, junto dos quais era eu a irmã doente que eles suportavam. Lutas enormes de passado recente me haviam retirado os movimentos. Chorava com a minha inutilidade. Pedia em preces a Deus me suprimisse a condição inferior. Um dos irmãos, o mais forte de todos, quase que me carregava, sozinho, tão grande o amor com que me desejava o reequilíbrio espiritual. Percorremos longas extensões de Espaço, alimentando esperanças e sonhos. Queríamos um pouso. Precisava encontrar um refúgio em que me tratasse e os companheiros me auxiliavam. Benfeitores e amigos generosos nos visitavam na jornada em que as pausas periódicas para descanso se faziam precisas. Prometiam-nos apoio e doavam-nos recursos sempre

renovados para que avançássemos algo mais...

Houve, um dia, Mãezinha querida, em que chegamos a um local de grande encantamento e encontramos um tronco de luminosa beleza. Flores despontavam dele prometendo maravilhoso futuro. Sábio amigo da Vida Superior veio a nós e nos disse que vagueávamos nas imensidões da vida maior, à maneira de pássaros fatigados e infelizes. E aconselhou-nos uma parada. Seria aquele tronco robusto a morada de Deus para nós. Faríamos um ninho para viver e renovar-nos. Ficamos todos contentes. Entretanto, precisávamos de alguém que viesse a fim de amparar-nos na construção.

Esse mesmo sábio veio depois com uma jovem tão generosa e tão linda que, mesmo, sem ver-nos, de todo, encontrou-nos em sonho e decidiu socorrer-nos. Foi assim que esse iluminado coração de menina e moça começou a trabalhar, amparando-nos a todos. Primeiramente, recebeu a mim e ao irmão que me oferecia ombros fortes na caminhada para que nos detivéssemos, de modo a valorizar o tempo e a vida. Os outros igualmente foram acomodados por ela em ninhos formados com imenso amor.

Entretanto, Mãezinha, cheguei primeiro aos braços da jovem querida por ser doente, conquanto escoltada pelo irmão que me protegia. O tronco me guardou carinhosamente e comecei a receber a dedicação da menina querida que me envolvia em ternura.

Creia que os sacrifícios dela foram feitos heróicos. Ela dedicou-se inteiramente ao ninho em que me achava. Sabendo que não me movia, era ela meus braços e minhas mãos. Porque eu nada pudesse falar, pela enfermidade que trazia, ela própria me contava lindas histórias, que eu ouvia em silêncio, dando a ela o sinal de que compreendia quanto me comunicava em seu amor.

Nunca mais essa jovem querida me abandonou. Saiu das festas em que fora rainha. Esqueceu as alegrias da juventude para ser minha proteção e minha própria vida. Nunca a vi irritar-se porque eu lhe exigisse o trabalho constante de uma enfermeira que nunca desanimasse.

Quando me via triste, na prisão de mim mesma, colocava-me em terraço para ver a natureza de Deus e chamava-me “meu amor”. Por mais de vinte e três anos, não tive outra companheira melhor. Ela, a benfeitora, era meu regaço, minha oração, meu sentido de viver e minha bênção de cada dia.

Notava que todos os demais irmãos cresciam felizes e, no íntimo, sentia de todos eles uma profunda saudade com essa afeição de quem vive perto-longe...

Ela, entretanto, conversava a sós comigo, qual se representasse eles todos. O tronco que Deus nos concedera por mansão de bondade e entendimento, deitava raízes de trabalho e produzia frutos de serviço cada vez mais preciosos para a nossa manutenção.

O tempo corria para os outros e para essa jovem querida e eu mesma, o relógio parecia caminhar devagarinho, mas tanto amor entre nós duas, no tronco maravilhoso, não nos dava tempo para registrar qualquer dor. Amparei-me a esse coração juvenil por longos dias, à maneira da hera numa planta de Deus que nunca se lastimou por suportar-me.

Até que, um dia, as forças da vida me trouxeram curada à Vida Maior, depois desse tratamento de amor, entre as paredes do lar. E por mais que esplendores de natureza cósmica me chamem a atenção, por mais tentadores os convites para seguir além, à busca de conhecimentos superiores, não mais pude esquecer a jovem abençoada que me acolheu e curou com bondade.

Essa jovem, Mãezinha querida, é você mesma que tudo me deu de bom e belo sem que eu pudesse retribuir. E sei que a nossa separação se fez tão dolorosa para nós duas, que você adoeceu de saudade, enquanto me recolhia às preces incessantes, rogando a Deus lhe conservasse a saúde e a paz, a esperança e a alegria.

O irmão que me transportava é o nosso Homerinho que se nos converteu em amigo e apoio seguro.

O tronco admirável, em meu apólogo, é o papai que nos resguardou a todos nos braços — Maria Helena e os irmãos presentes eram os companheiros que a sua

ternura abençoou igualmente.

Agora, Mãezinha, a você que nos deu tanto, especialmente a mim que lhe absorvi o tempo, a vida, o sentimento e a alma, venho pedir pelo tronco amigo e generoso, cujas raízes estão algo doentes.

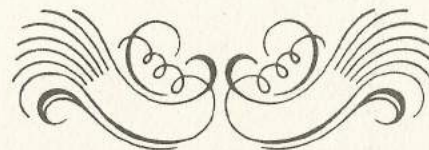
Não tenho outro anjo a que recorrer para sustentá-lo nas forças profundas. Papai reclama um tratamento que só você poderá patrocinar. E sou eu a única filha que lhe conhece todos os potenciais de carinho, capaz de entender a necessidade de semelhante assistência. Impossível que em mais de vinte e três anos de amparo constante, não pudesse auscultar-lhe os tesouros de amor e dedicação para julgá-la a pessoa que me pode atender.

Mãezinha, você que é tão compreensiva e tão boa, peça ao nosso Homerinho, que tanto me auxiliou, a revisar as energias do papai, de modo a restabelecê-las como se faz preciso.

Filhos não pedem perdão às mães porque se reconhecem automaticamente perdoados, ainda mesmo quando estejam em falta confessa. Por isso mesmo, esta é a mensagem dos nossos parabéns em seu natalício, com todo o amor de seus filhos em meu amor, pois rogo a todos eles em pensamento para que me subscrevam as felicitações desta noite.

Querida minha, minha querida Mãe, receba com meu pai, com a vovó Esther e com todos os corações queridos, junto de nossa Maria Helena que faz também suas as minhas pobres palavras, todo o amor e todo o reconhecimento de sua filha, sempre sua,

MARIA CÉLIA _____



Querida Mãezinha, querido Papai, amigos queridos. Deus, Nosso Pai de Infinita Bondade, nos abençoe e ilumine sempre.

Querida Mamãe, Papai querido, os dias correm, quando a alegria resplende sobre nossos caminhos, entretanto, quando a saudade se coloca de vigia, junto de nós, os momentos como que se imobilizam no relógio e o tempo se nos afigura uma afiada lâmina a nos retalhar o coração. Ainda assim, não desejo acentuar o sofrimento da separação e sim dizer-lhes de uma outra alegria que se esconde nas provações. A felicidade misteriosa de crer e amar, com a bênção de Deus, ainda mesmo que tempestades de pranto nos esmaguem a estrada com granizos da angústia.

Celebramos aqui um nascimento novo. É uma espécie de primavera que renasce do inverno, essa emoção, feita de júbilo e lágrimas, que sentimos. A morte é comparável ao frio que entorpece, no entanto, quem nos privará do Sol no amanhecer? Dessa alvorada nova que se nos represa dentro d'alma por chuva de esperança, venho eu para agradecer...

Compreendo, Mãezinha, a sensação de quase luto que lhe tomou o espírito, desde os primeiros dias do mês que vamos terminando no calendário terrestre... E ainda hoje, às três da tarde, abracei-a com toda a minha ternura para que o momento de nossas lembranças entre as três e quatro horas, depois do meio-dia, não lhe causasse mais intensa dor...

Papai querido, não estranhe essa nossa vinculação. Não me admitam esquecida ou indiferente. As recordações do lar continuam sendo minhas. Não sei definir tudo o que sinto nas fibras mais íntimas do ser, mas desejo lembrar a imagem da roseira no solo com a rosa que se lhe arrancou à vida. Quem afirmará na Terra, que a flor arrebatada se desligou inteiramente do ninho verde em que foi nascida? Quem conseguirá contradizer no mundo a minha certeza de que um laço de perfume continua ligando a raiz no jardim e

a roseira dilapidada com a flor que partiu? Nessa definição, estimaria confidenciar-lhes quanto amor prossegue a enovelar-nos uns aos outros.

Nossa querida Maria Célia, ao meu lado, repete o que digo e acrescenta: e os dias de comunhão na felicidade que ficaram na memória para sempre? E as vozes musicadas do recinto doméstico que se nos fixam nos recessos do sentimento? E as preces que foram pronunciadas com todo o calor de nossa fé buscando a nossa união com Deus? E as horas em que as lágrimas se misturavam com os sorrisos, testemunhando-nos a ternura? E os planos abençoados dos pais queridos, traçando-nos o futuro submetido aos desígnios de Deus? Quem, nas forças de nosso novo mundo, esquecerá as mãos que nos tocaram na despedida? Os beijos de amor imenso que mais se pareciam com asas de carinho, na ânsia de seguir-nos na imortalidade?

Nunca haverá separação entre os que se amam... Deus não nos criaria para que nos perdêssemos uns dos outros. Realmente, a viagem para a iluminação na Vida Maior é uma escada de ascensão difícil. Não há subida sem esforço e suor. Por isso mesmo, nesta noite, renovo aos pais queridos aqueles agradecimentos que me penderam dos lábios, sem que a minha voz conseguisse enunciá-los.

Em vista disso, retorno à noite que ficou marcada no tempo, rememorando todos os detalhes do adeus que jamais será solidão e inclino-me perante a Divina Providência para expressar o meu reconhecimento pela família querida que me acolheu e que me ensinou a viver para ser melhor.

Mãezinha, papai, todos estão aqui nas imagens dos meus pensamentos reconhecidos. Homerinho, Maria Elisa, Marquinho, Marcelo, Marcos e também todos — todos aqueles corações queridos que palpitavam com os nossos...

É verdade que as circunstâncias não me permitiam colecionar todos os apontamentos daqueles instantes em que os Mensageiros de Jesus nos transportavam no próprio regaço para que a nossa fé não esmorecesse... Se os que ficam são amparados pelo bálsamo de mãos generosas e amigas, os que partem igualmente se reconhecem

acobertados pela proteção de companheiros outros que lhes adormecem a sensibilidade para que a cirurgia espiritual se processe.

Digo assim, papai, porque efetivamente, a desvinculação, pela nossa retirada do campo físico, equivale a um serviço operatório dos mais decisivos. Não é apenas morrer, segundo os conceitos antigos para ocasiões como a que relembramos. É preciso cortar os fios sutis da alma, parti-los, reacomodá-los em novas dimensões, desligar os pensamentos, transferir as emoções e desfocar as esperanças que nos mantinham a existência.

Aquela tarde de 28 e a noite com o dia 29 foram para mim semelhantes a uma internação em câmara de tratamento intensivo, em que me via tranqüilizada imaginariamente por métodos compulsivos da medicina espiritual, de modo a resistir e dormir, vigiar e esquecer — numa espécie de conjugação desses verbos todos ao mesmo tempo...

Contudo, naquelas horas em que lutava para me desfazer do casulo físico, a mente se me debatia, trazendo-me a vida toda, embora curta, em estranho retrospecto...

E no centro de todas as sensações, querida Mãezinha, estavam a sua ternura e a ternura de meu pai, a luta dos irmãos queridos para aceitarem o imprevisto, a mágoa sincera do nosso Toninho, as preocupações da Mãezinha Ita e todas as criaturas queridas, a me povoarem a imaginação, como a me segurarem no plano terrestre, com o sublimado peso do amor que nos enlaça uns aos outros, até que os benfeitores da nova estrada me anularam a consciência da própria identidade, com ingredientes semelhantes à anestesia que se administra no mundo aos pacientes em perigo...

Depois, foi o que sabemos: a vida diferente que me aguardava e o amor invariável que remanesceu em mim, após a tormenta de ansiedades e lágrimas, com que me reconquistava na posição de filha e de irmã como sempre, a fim de aprender a amá-los cada vez mais.

Dois anos ainda não são mil dias e minhas experiências se reconstituem, à procura de níveis mais altos. Isso não significa que me elevei ou que me elevo, à distância dos entes queridos. Sou sempre eu mesma, desejando melhorar-

me para ser a companheira mais útil.

Em razão disso, peço-lhes para que aceitemos, na prece, a transformação de tudo o que venha a ser sofrimento em nós na alegria que Deus nos permite usufruir no reencontro.

Aqui comigo estão, além de nossa querida Maria Célia, outras afeições inesquecíveis. Vovô Stamato e vovô Caetano se reúnem a outros amigos que nos compartilham as orações. Vovô Homero comparece à nossa festa de corações com o Capitão Joaquim de Mello Freire, o Capitão Paulino Freire, o Dr. Deodato Wertheimer, o professor Avelino Borges, as irmãs Placidina e Ana Moura e o Padre José, de nossa querida Santa Isabel como nos meus primeiros dias de Espiritualidade, nos visita com a Tia Sinhá para recordarmos as nossas orações do princípio.

Vovô Homero traz ainda um amigo que nos diz ter vindo para cá, antes do nascimento do Papai, nesta nossa vida de agora e informa haver desencarnado em Mogi, no dia 5 de agosto de 1921, justamente um ano “antes do papai renascer”, acentua meu avô Homero que informa haver trazido até nós esse companheiro, por tratar-se de um amigo de Mogi das Cruzes, com quem conseguiu palestrar diversas vezes sobre assuntos da alma. Esse amigo é o irmão Salvador Lima Cabral.

Vovô Stamato se faz acompanhar de um amigo que prezava muito na Terra e de quem é um irmão na Espiritualidade, o irmão José Garcia. E ainda uma senhora, irmã nossa de Bebedouro, muito amiga de nossos familiares, veio com o vovô Vicente e se faz conhecer por irmã Ana Cezária Pimenta.

Maria Célia trouxe amigas outras. E do nosso novo núcleo de Amor do Lar do Amor Cristão, temos a nossa irmã Pia, os nossos amigos Augusto Cezar, Oscarzinho, Lenise, Volquimar e tantas outras afeições que hoje reconheço por laços sublimes que nos interligam a todos entre a Terra e os Céus.

Cito nomes pelo prazer de identificar tanta gente boa, de modo a podar, em amigos e parentes nossos, a idéia de que a morte do corpo é apenas um recanto de cinzas em que o melhor da vida seria capaz de desaparecer.

Falo em tudo isso como quem canta uma vitória que vem de Deus para cada um de nós, a vitória sobre todas as

aflições e tristezas que nos pareciam irremediáveis quando o relógio das mudanças de Deus nos assinala o momento de partir, mas nunca de partir para sempre. Estamos juntos, afirmaremos esta verdade, quantas vezes se nos façam necessárias. E juntos caminharemos para diante, unindo-nos em Deus para que a nossa família se faça cada vez maior.

Papai querido e querida Mãezinha, estamos gratas, Maria Célia e eu, por tudo quanto fazem mentalizando-nos no amor que transmitem aos nossos irmãos de jornada evolutiva. Esses cobertores que ofertam aos irmãos expostos ao frio, nos aquecem de milagroso calor e esses recursos com que procuram melhorar a alimentação de tantos companheiros no mundo, nos atingem por energias nutrientes que nos conferem mais amplo equilíbrio na Vida Espiritual. Um dia, disse Jesus: — “e todo o bem que fizerdes a um desses meus pequeninos é a Mim mesmo que o fizestes.” Não estou fazendo confrontações. Jesus é Jesus e nós somos nós. Entretanto, com Ele, nosso Divino Mestre, aprendemos que algo auxiliar em nome de alguém é amparar e abençoar a esse alguém cada vez mais.

Peço abraçarem por mim ao trio querido, Homerinho, Jacinta e Fernando Luiz.

Mãezinha, já que nos referimos ao segundo aniversário de meu renascimento, no regresso para o nosso Lar Maior, agradeça por mim à querida Já o carinho com que nos recebeu em Santos, após um mês sobre a minha viagem de volta, quando, em plena consciência, pude acompanhar toda a querida família, no ofício religioso celebrado em meu favor. Achava-me com tia Sinhá na cerimônia e chorei muito, mas chorei de alegria, por saber que a morte violenta não nos arredara um milímetro da fé cristã. Graças a Deus!

Quando estiverem com o nosso querido Toninho, peço-lhes digam a ele que estou satisfeita, anotando-lhe o esforço para viver e retornar às aspirações do rapaz nobre e abnegado que ele é...

Mãezinha, assim como sucede ao seu coração que deseja a felicidade dos filhos, também eu aspiro a ver o nosso Toninho plenamente feliz. O amor nunca se extingue. Nosso coração é uma concha milagrosa no íntimo da qual todos os nossos impulsos podem ser sublimados. Toninho

será feliz. Jesus o abençoará. E creiam que estou contente, porque, nos recantos inacessíveis do espírito, ele sabe que continuo existindo, amando-o, sem qualquer exigência. A felicidade que se dá é a felicidade que se tem. Vou aprendendo novas lições e agradecendo a Jesus por entender e aceitar a esperança por luz que força alguma consegue apagar.

Queridos meus, a noite avança. Perdoem-me se falei tanto, escrevendo tanto... Nossos amigos aqui me deram tempo sem determinação de limite e creio que abusei. No entanto, o amor quando se extravasa em saudade e alegria, fé e carinho, de nosso lado para o lado físico da vida na Terra, ao que me parece, é uma força buscando inconcebível expansão.

Papai querido e querida Mãezinha, Maria Célia e eu solicitamos para que nos abençoem.

Agradecemos às queridas amigas Yolanda, Acácia e Aracy, tanto quanto às afeições abençoadas que nos compartilham a vida neste recinto de paz e amor, por todo o apoio que nos proporcionam. Se eu pudesse faria chover rosas sobre todos. Fica a intenção que Jesus materializará em forma de alegria e bom ânimo para todos os corações queridos que nos partilham as emoções desta noite.

Querida Mãezinha, fique tranqüila e contente.

Querido Papai, ame-nos sempre e conserve a sua paciência conosco. O senhor é nosso tesouro e queremos também ser a sua riqueza.

Pais queridos, este é igualmente um grande e inoldidável minuto. Deixar o lápis não será parecido hoje com aquela hora de deixar o corpo? No entanto, entre nós está Jesus que nos prometeu abençoar-nos até o fim dos séculos. Se choro é de gratidão a Deus pelos pais que a vida me deu e minhas lágrimas são a expressão de minha alegria, de minha profunda alegria no reencontro.

Mãezinha querida e querido Paizinho, aqui o ponto final, quer dizer — “até sempre”.

Mil beijos da filha reconhecida que os reúne no mesmo abraço de coração para coração.

MARIA HELENA _____

Ricardo



Ricardo Leão de Oliveira
Nascimento: 27.11.1959
Desencarnação: 12.11.1978

Pais:

Antonio de Oliveira
Nyssia Leão de Oliveira
Rua do Túnel, 122 - Jardim Silvestre
São Bernardo do Campo - SP

Pessoas e Fatos

Irmã: Cláudia Leão de Oliveira

Maria Aparecida Gomes da Silva (Cida), na ocasião sua noiva.

Joaquim Trambusti, irmão de sua bisavó materna.

Ny, tratamento carinhoso quando se dirigia à sua mãe.

“Quem possui uma fé, vence tudo isso que está nos acontecendo mais depressa.”

É assim que Ricardo posiciona o sentimento de um jovem ao perceber-se em sua nova condição de vida. Traz o conforto e o esclarecimento necessários para que possa ser devidamente interpretado em sua vida espiritual.

Na delicadeza de sua fala, com muito carinho, solicita a compreensão das pessoas queridas quanto aos chamados e às palavras de tristeza, que lhe impõem sofrimento e insegurança.

Reanima o coração paterno e fortalece os familiares na paciência e na fé em Deus.

Mãezinha Ny, meu pai Antonio, abençoem-me.
Querida Cida, peço a Deus por sua felicidade.

Ainda estou muito difícil de escrever, mas a minha avó Idalina me trouxe para dizer alguma coisa que os tranquilize.

Estou ainda muito embaraçado com as lágrimas.

Ouço a mamãe com tantos chamados e escuto tantas palavras tristes de meu pai e da Claudia que não sei se fiquei doente, depois de perder o corpo.

Que já me mudei, não tenho dúvida, mas desejo solicitar-lhes auxílio.

Não se morre.

A pessoa larga uma roupa usada e se enfia em outra vestimenta melhor. Isso é o que me aconteceu, mas, à medida que falam o meu nome em pranto, isso é como se a dor me reatacasse por dentro...

Torno a me sentir batendo contra muros e rolando no ar para cair não sei onde. Ajudem-me.

Vou melhorar rapidamente se me sentir apoiado pela família.

Querida Aparecida, perdoe-me.

Tudo aconteceu de relance.

As máquinas estão em nossa cabeça e não nas ruas ou nas estradas.

Basta um pequeno cochilo e a engrenagem desgovernada toma outros rumos.

Pensem todos em Deus.

Quem possui uma fé, vence tudo isso que está nos acontecendo mais depressa. Orem por mim, como se estivessem a conversar comigo em casa. A oração assim é melhor, porque nos sentimos de novo num diálogo que realmente auxilia.

Da parte de mãezinha, tenho um amigo que me ensinou a chamá-lo por vovô Joaquim e estou muito agradecido.

Papai, não pense mais em morte, compreenda que estou vivo e que vou cooperar com o senhor de outro modo.

Mamãe, peço-lhe calma e confiança na vida.

Veja a Claudinha em meu lugar.

Cida sempre querida, Deus abençoará a nós dois para que você seja sempre mais feliz.

Rogo a todos para que se fortaleçam, para que me vejam melhor.

Boa noite. Voltarei mais tarde.

A morte é a vida em outra moldura.

Tenhamos paciência e confiemos em Deus.

Papai e mamãe, abençoem-me. Aparecida, lembre-me com seus pensamentos alegres e, com minha irmã, recebam o abraço muito de coração do filho agradecido,

RICARDO _____



Mãezinha...

*A morte é a vida
em outra moldura.*



Mirna



Mirna Lagorga
Nascimento: 5.8.1961
Desencarnação: 27.10.1977

Pais:

Ubirajara Lagorga
Antonia Edith Lagorga
Rua do Centro, 973 - Camilópolis
Santo André - SP

Pessoas e Fatos

Irmão: Maurício Lagorga

Vovó Maria: Bisavó materna.

Edemir Rodrigues Lima (Cuca): Na ocasião seu namorado.

A felicidade que a família Lagorga perdera no desalento, voltou no calor da alegria.

A formação de sentimentos novos, com a segurança e a certeza entre as duas vidas, estimulou-a ao receber do Mais Além a mensagem dessa jovem, que procura ressaltar os valores do dia-a-dia.

Os pais se reconfortam.

No diálogo com seu irmão Maurício, preocupada, tenta aclarar-lhe os pensamentos e abre-lhe novos horizontes.

Confirma realidades.

Ao sair à procura de um shampoo para amaciar os cabelos, a jovem encontrou a morte do corpo, em Ocian, cidade praiana. Esse detalhe trouxe para sua mãe momentos difíceis. Mirna lhe dissera precisar sair em busca de um bronzeador. Sua prima, que se acidentara também no choque com a moto, esclareceu que Mirna, no ato da compra, trocara de produto. Essa observação valoriza sobremaneira as suas palavras ~~que~~ seguem impressas.

Querida Mãezinha, meu querido papai Ubirajara. Sou eu a pedir-lhes para que me abençoem. Reúno o Maurício e o Cuca no mesmo abraço.

Isto que faço agora é de uma surpresa sem tamanho. Não esperava pudesse chegar até aqui, à maneira de uma aluna em massacre de vestibular. Não me levem a mal. Não estou subestimando a reunião de amigos. É o inabitual, o imprevisto. Chorar, já o fiz de modo quase terrível. Agora, esforço-me para comparecer com serenidade nesta janela de notícias para alô do coração.

Mãezinha Edith, o que foi meu espanto na queda não posso escrever. Acostumara-me aos passeios e às pequenas excursões, absolutamente sem medo de perigo. O nosso querido Cuca sabe disso.

Temperamento de menina insatisfeita. Não sei explicar. Lá por dentro de mim, andava aquela ansiedade de inovação.

Aí está meu companheiro dileto, aquele mesmo com quem meus sonhos estavam combinados.

Conversamos sobre novos processos de vida e quanto a melhores aberturas de relacionamento. Para mim, estava encerrada no mundo, tanto quanto me via encarcerada em mim própria.

A sede de libertação digna, a fome de padrões que nos renovassem a existência me castigavam as emoções. Isso tudo me fazia parecer extrovertida.

Emoções abertas para um ambiente fechado de nuvens. Lâmpada constantemente acesa, na força da alegria, querendo quebrar as sombras que aparecessem no caminho.

Assim era eu, uma espécie de mariposa que se embriagava na luz da amizade e da esperança. No íntimo, queria a felicidade de toda gente e, por isso, me exteriorizava por qualquer ocorrência a que procurava aplicar as lentes de meu otimismo.

Aí está o querido Maurício, irmão e amigo. Lembro-lhe

os conselhos. Aquele olhar ensaiando severidade na face do garoto maravilhoso que é meu irmão prodígio! Sabia ouvir os seus apontamentos e avaliar respeitosamente a sua austeridade de menino perfeito...

Às vezes, compreendia que não chegava a convencê-lo, mas esperava sempre um amanhã no qual o querido Cuca me auxiliasse a tranquilizá-lo a meu respeito... E os dias passaram, até que, ao buscar um ingrediente qualquer para amaciar os cabelos, a queda do veículo me deixou nas condições que recordamos...

Pai querido e querida Mamãe, se fui estouvada, perdoem-me. Este não era meu plano. Queria a vida plena, mas sabia guardar-me na liberdade que me ensinaram a usar com responsabilidade e nobreza.

Sofri muito, a princípio. Ouvia-lhes os comentários em voz baixa, as notas de oração em pessoas amigas, até que o sono me favoreceu. Um sono grande e sem sonhos.

Quando me vi restituída ao próprio discernimento, alguém velava comigo, entre as enfermeiras desconhecidas, que me amparavam, Vovó Maria, aquela que foi para a Mãezinha Edith um anjo guardião, me aflagava e me pedia esquecer...

Não era fácil.

Todos de casa, incluindo o companheiro dos ideais de noivado, estavam comigo.

Ainda ignoro como esclarecer de que modo me achava ali, numa paisagem diferente e em casa ao mesmo tempo.

Hoje creio que o pensamento é um laboratório de milagres, porque a divisão de minhas impressões coincidia com a perfeita identidade pessoal de mim para comigo.

O susto prolongado com os choques retardados na memória me atribularam por muitas semanas, até que os amigos novos de minha nova moradia me avisaram que vocês me esperavam a palavra.

Tentei abreviar o processo de autodisciplina e me vejo aqui, nesta sala em que tanta gente boa irradia luz e bondade.

Mãezinha, Papai, querido Maurício e querido Cuca, a mudança de plano não nos altera. Sou a mesma, mas

realmente passada a limpo. Quero pensar mais e ajustar-me com mais segurança aos ensinamentos novos. Preciso ser útil aos que amo.

Com o auxílio dos instrutores que me esclarecem, espero a possibilidade de colaborar com o Cuca na descoberta da felicidade.

Não podemos duvidar disso. Felicidade não é artigo de aquisição exclusiva. O querido amigo será feliz sem que eu lhe tome a frente ou a retaguarda, todos os dias, dentro de uma casa. Entre nós não foi cultivada qualquer idéia de afeição egoísta e possessiva. Já sei que se fosse ele o objeto da transferência em que me vi, de inesperado, teria desejado a mim o que peço a Deus para ele agora - a felicidade com alguém que lhe faça o caminho terrestre menos áspero. Isso não é ausência de amor e nem desapego. É compreensão com amor muito maior. Se todos nos encerrássemos numa concha de afeição unicamente a dois, realmente nem filhos poderiam surgir na Terra e isso não vem de Deus. Cuca e Maurício serão felizes tanto quanto meus pais o serão cada vez mais.

Sinceramente, ainda estou aturdida.

O tempo é estreito para assimilar tudo o que ouço e vejo por fora de mim. Espero que conseguirei ampliar as faixas do meu gravador de lições. Por agora, no entanto, posso dizer-lhes que o meu amor é sempre maior.

Estou grata por não criarem qualquer contratempo para os meus amigos de motos e carros, passeios e vivências. Maurício querido, agradeço tudo o que você me disse, fixando-me o retrato em suas lembranças, depois dos tratamentos finais a que me submeteram.

Querido irmão, saiba você que nunca desci da sua confiança e nem me afastei de tudo o que nossos queridos pais me ensinavam. Voltei para cá ao esperar por uma vida que realmente não cheguei a viver. Entretanto, hoje sei que não podia ser de outra maneira. O gongo me retiraria muito cedo do cenário de minhas representações.

Estou conformada, não sem que saudades muitas me

sigam ainda, mas vocês me auxiliarão como sempre e creio que os professores daqui podem claramente fornecer-me um atestado com boas notas de reação.

Quero aprender e trabalhar por aqui, adquirindo conhecimento e valor.

Ajudem-me, a me lembrarem fora de moto e morte.

Recordem-me na alegria de que Deus nos enriqueceu e serão meus sustentáculos na reforma que vou realizando em mim com o vagar necessário.

Se fosse escrever tudo o que desejo, tenho a idéia de que traria esta noite para o papel. Pensando nisso, não posso abusar.

Querida Mãezinha Edith e querido Papai, creiam que não me perderam. Sinto-me mais viva do que nunca, embora em condições muito diversas.

Maurício e Cuca abracem-me no pensamento, retribuindo o carinho em que busco envolvê-los e aos pais queridos, um beijo longo de longas saudades marcadas de imenso amor, de constante amor que lhes oferece a filha que procura guardá-los no cofre do coração,

MIRNA _____

Mãezinha ...

*Hoje creio que o pensamento
é um laboratório de milagres,
porque a divisão de minhas impressões
coincidia com a perfeita identidade pessoal
de mim para comigo.*

Paulo Henrique



Paulo Henrique Dantas Bresciani
Nascimento: 23.5.1960
Desencarnação: 3.11.1978

Pais:

Benedito Antonio Negrão Bresciani
Tereza Maria Dantas Bresciani
Rua Joaquim Norberto, 448, apto. 24
São Paulo - SP

A iniciação do espírito nas atividades terrenas, o período de adaptação às coisas e a identificação de sua personalidade fazem-no crer, na posse de seus atributos, que o caminho melhor é estar escorado nas bases do perfeito reconforto material.

Esquece, via de regra, que a representação das leis de Deus permanece desfilando em todos os instantes da existência, seja na pregação da boa palavra, na exemplificação elevada, na prática da caridade ou no respeito integral aos semelhantes, facultando-lhe o melhor entendimento.

Se não, vejamos Henrique:

"...como deve ser terrível o impacto da desencarnação sobre a pessoa que já se acostumou com a idéia da posse..."

"...Aprendi, porém, o bastante para dizer aos familiares queridos que se pode fazer muito aí na Terra para melhorar os créditos e caminhos por aqui..."

Formemos tesouros espirituais no aprendizado com Jesus e adquiramos o direito de posse da felicidade futura, através do aprimoramento de nós mesmos.

Pessoas e Fatos

Irmão: Severino Armando Dantas Bresciani

Avô: Armando Bresciani, paterno, desencarnado em 10.11.1976.

Tios: Maria Thereza de Souza Baptista (Tia Tê)
Osmany de Souza Baptista, Célia Antonia Alvarez,
Sílvia Dantas Pôrto,

Primas: Maria Helena Dantas Serzedello,
Margarida Maria Dantas Silva, Sílvia Vicentini.

Querida Mãezinha Tereza e meu querido papai Benedito. Estamos aqui, lembrando o tempo de colo, pedindo a bênção.

Não sei como iniciar estas notícias. Vim com a boa turma. Estou numa boa de adaptação.

Estou vendo os familiares queridos. Desejo lançar uma saudação especial para a tia Tê para o tio Osmany, tia Sílvia, para o nosso sempre lembrado Severino, para as primas Helena e Margarida, e os mais.

Não é fácil conversar de um mundo para outro. De modo geral, espera-se por aí o desencarnado com asas, como se a morte do corpo fosse uma cirurgia milagrosa. Acontece que somos o que fomos. Em meu caso, estou na condição dos caras que mesmo lutando para sobreviver não perdem a alegria de se reconhecer existindo. Vocês querem talvez novidades. Quando a Sílvia Vicentini apareceu por aqui, esperava a menina alguma frase espetacular de que eu não dispunha.

Guardo, porém, a certeza de que meus pais e parentes saberão desculpar o pobre banhista que se viu abotoando o paletó por mãos alheias.

Se pudesse, desejaria podar nos amigos o medo da grande penosa. O assunto não é tão misterioso qual se pensa. Aí no mundo físico, a gente usa o corpo como se veste a roupa comum. Roupa de estrutura complicada. Vestimenta repleta de servidores que não se enxerga enquanto se lhe enverga os atributos.

A criatura devora um bife suculento e atira para o criado de nome "estômago" para que ele faça a discriminação dos ingredientes ingeridos.

Bebe-se um refrigerante especial, para não recorrermos à imagem do uísque, e entrega-se o material para dois escravos batizados com o apelido de rins e os coitados que filtrem o líquido de que nos servimos, sem se cogitar se associamos algum veneno aos recursos que sorvemos

para infelicidade dos dois servidores atentos.

E assim se gasta o corpo, o traje que nos brinda por aí com a melhor apresentação. A verdade, no entanto, é que chega o dia da largada. Dia de trocar a roupa e apoiarmos em outra.

Vocês sabem que o fenômeno me ocorreu num banho fajuto em Assis. Quando caí desgovernado na água mansa, começou a tal gritaria dos que ficam vestidos. Logo após aquela difícil sucção do boca-a-boca, a que me submeteram, me vi cambaleante, fora da pouca vestimenta que me cobria e meio desbaratinado. quis voltar à casa do tio Osmany, imaginando que escapara daquela ameaça de morrer quando, em verdade, já me achava em outra. Tive receio dos companheiros que prosseguiram chamando por mim e reconhecendo-me vivo, julguei estivessem todos eles tantãs, amedrontados com o risco que eu vencera, em minha suposição. O negócio era pirandelar e corri ignorando para onde. Não conservava muita noção de rumo, porque a cuca parecia fundir-se com tantos pensamentos desencontrados.

Quando me vi numa praça ou num espaço aberto que me pareceu a Praça Arlindo Luz, surpreendi a presença do vovô Armando a tocar-me os ombros: "Oi, Paulo Henrique, você já não está por aí".

Aquelas palavras do vovô, de cuja presença amorosa me lembrava perfeitamente, me alarmaram. Ao fitá-lo, recordei que ele nos deixara em 1976 e compreendi que estava à frente de um morto. Meu choque foi tamanho que desmaiei nos braços dele para um torpor que se ampliou até que me perdesse numa soneira de amargar. O resto já contei.

Penso, hoje, no entanto, que outra seria a minha situação, se tivesse aprendido algum ensinamento preparatório para aquela ocorrência.

Digo isso tudo para clarear minhas informações. Tive de deixar tantas esperanças e tantos apetrechos de rapaz que presentemente imagino como deve ser terrível o impacto da desencarnação sobre a pessoa que já se acostumou com a idéia da posse. Sinceramente, refletindo

nisso, admito que, em meu problema foi melhor a largada quando eu ainda não competia na pista.

Aprendi, porém, o bastante para dizer aos familiares queridos que se pode fazer muito aí na Terra para melhorar os créditos e caminhos por aqui. Sucede, entretanto, que o câmbio é outro. Aí no Plano Físico, temos os investimentos e as poupanças, muito respeitáveis, aliás. Ainda assim desses recursos, é importante destacar as parcelas para a prosperidade daqui, da Vida Espiritual.

Disse São Francisco (lembro-me claramente dos professores amigos com a prece famosa do Santo) que "dando é que recebemos". Aqui a gente se informa de que recebemos por fora das agitações terrestres. Recebemos o que damos em nosso próprio mundo íntimo e aquilo que acumulamos, sem coragem de auxiliar aos outros, se transforma em grilhões que nos prendem às questões daí.

Não sei se estou fazendo preleção ou se estou falando para o vento. O caso é que não temos outra via para a felicidade.

Se puderem me ouvir, perceberão tudo. Quanto possível, vocês, meus queridos da família, acordem para esse curioso sistema de entregar sem interesse para possuir com alegria. Mais tarde observarão que vocês todos estão enfeitados pela veste material que todos restituiremos ao estoque das transformações do mundo.

Estamos aí com certidão e demais documentos para uso temporário. Os pais nos matriculam na existência terrestre e a escola começa a funcionar cedo para cada um.

Que a pessoa será desligada do educandário, não há dúvida. Que todos vocês e todos os nossos amigos, por ocasião desse desligamento, se vejam ricos pelo que doaram de si no socorro às necessidades alheias, são os meus votos.

Minhas histórias estão longas. Fiquemos em série. De outras vezes contaremos algo mais.

Querida mamãe Tereza e querido papai Benedito, em

ambos abraço a todos. Agradeço os pensamentos com que me auxiliam. Estou melhor e mais forte.

Novembro findo cobria um ano sobre o banho renovador.

Graças a Deus, não perdi a minha confiança na vida e a minha alegria de viver.

Recebam muito carinho e muito amor do filho e parente que está se ligando à família maior, sem perdê-los em meu coração.

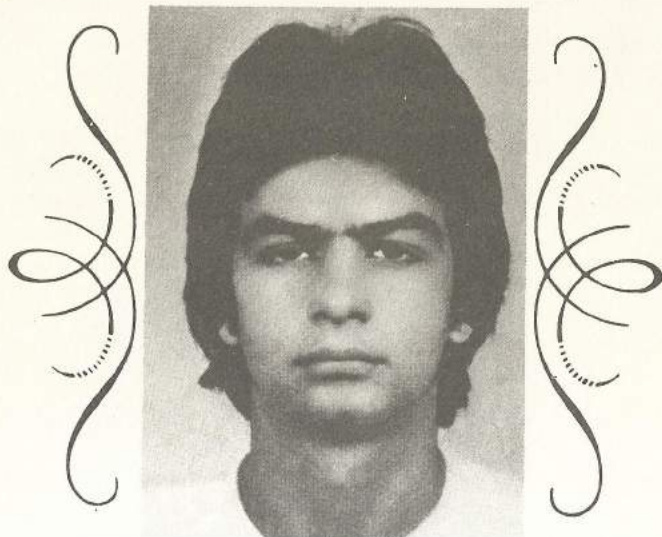
Muitas saudades e agradecimentos do

PAULO HENRIQUE _____

Mãezinha ...

*Recebemos o que damos
em nosso próprio mundo íntimo
e aquilo que acumulamos,
sem coragem de auxiliar
aos outros, se transforma em
grilhões que nos prendem
às questões daí.*

Mauro



Mauro Lira
Nascimento: 7.10.1961
Desencarnação: 6.7.1977

Pais:

Triumpho Lira
Yveti da Silva Lira
Rua Tucuman, 133
São Paulo - SP

Aceitar a vida, acreditar na vida é nossa obrigação, porque a vida nos pertence. As provas nos alcançam e, por vezes, as esperanças se desfazem. Habitualmente a morte aparece e rasga-nos o peito em sofrimento. A perda de um ente amado é uma dor irreparável. A misericórdia de Deus, porém, nos protege, nos acolhe e nos abre novos caminhos para a Vida Imperecível.

Mauro Lira emerge do acidente cruel, clareando o caminho dos familiares qual fonte de luz. Mostra com detalhes a própria personalidade. Diz lastimar o modo com que se lhe assinalou a desencarnação.

Salvar um simples brinquedo "Skate" na auto-estrada e ser colhido por um caminhão de carga pesada. Suas desculpas ante os companheiros, seu amor aos pais e irmãos e informações surpreendentes em seus comunicados, são verdadeiras revelações para a família a lhe marcarem nova vida.

Um pouco de socorro à saudade, um pouco mais de paz. Uma esperança a mais no reencontro.

Pessoas e Fatos

Irmãos: Miriam, Edison, Antoninho

Avôs: Cecílio Lira Filho, paterno, desencarnado.
Acácio J. da Silva, materno, desencarnado.

Manoel Lira Rodrigues, tio avô paterno.

São Bento, cidade de São Bento do Sapucaí.

Querida Mãezinha Yveti, meu querido Papai, peço-lhes para que me abençoem.

Venho completar a coleção dos filhos nesta noite, a fim de agradecer-lhes o carinho de sempre.

O coração verte lágrimas de alegria, dessas boas lágrimas da felicidade que sinto, contemplando a nossa união.

Nosso Edison, nossa Miriam, nosso Antoninho! E eu voltando para o reconhecimento. Acompanhei todas as manifestações de carinho do dia 7. E enterneci-me.

Meu querido Edison, você é aquele companheiro que desejaria ser para nossos pais.

Senti-lhe o coração no meu próprio peito, refletindo na vida. Muito grato, irmão. Se você me permite, quero dizer pra você que o amo cada vez mais.

Você tem sido a alegria de nossa casa, o sorriso de esperança a reanimar nosso grupo ante as lutas da existência.

Creia que em me despedindo do corpo, deixei que meus pensamentos voassem até você como a solicitar-lhe me substituisse.

Sonhara tanto!

Imaginei que permaneceria por aí, escorando o papai Triunfo para que as lutas naturais de nossos tempos não lhe pesassem nos ombros! Mas, em me observando na despedida do carro físico, entendi que você, querido irmão, faria a minha vez. Continue assim, dedicado e nobre.

Sempre que posso, me identifico ao seu lado, inclinando-lhe, quando possível, o sentimento em favor de nossos pais queridos, de nossa Miriam e de nosso Antonio Carlos, para que todo o painel de nossas atividades ganhe aquela cor de alegria que a sua bondade sabe doar.

De cá, farei quanto puder, a fim de acompanhá-lo na missão do bem.

Estude e prepare-se, cada vez mais. A existência na Terra pede hoje semelhante esforço que precisa ser contínuo se nos propomos a galgar a escada do reconforto.

Sei que você não partilha tanto de meus cuidados e faz muito bem. Quando me sejam possíveis realizações novas na Vida Diferente a que fui trazido, não me esquecerei de repartir com você as alegrias que o seu devotamento me proporciona.

Estou trabalhando. E muito. Renovando-me a cada dia, para atingir as melhoras de que careço e sei que você no mundo saberá agir sempre no bem, porque em você a dedicação ao melhor se alteia por bandeira invisível a lhe encaminhar os passos, na direção do progresso.

Agradeço, com todo o meu coração, ao Papai e à Mamãe, a ênfase que deram às minhas pobres palavras. Minhas notícias são ainda pequenas lembranças de fraternidade, para testemunhar-lhes o amor e a gratidão de todos os dias.

Felizmente, encontro a família unida, como sempre, recordando todos juntos, a felicidade que Deus nos permitiu desfrutar enquanto na Terra...

Sei que muitas cousas mudaram, mas peço-lhe para que o nosso ponto de encontro - o lar - seja mantido sem alteração.

Miriam é hoje uma grande moça e os braços do Antoninho estão maiores para o trabalho.

Sei que vocês estimariam saber algo mais de nossa existência por aqui. Pois olhem, não apenas o Tio Manoel tem sido um devotado companheiro para mim. Não sei se já consegui dizer-lhes que meu avô Acácio tem me amparado bastante, que não tenho apenas um vovô Cecílio, pois tenho dois. São eles todos excelentes amigos que me auxiliam a transformar a saudade em força de esperança.

A família espiritual está aqui conosco, formando um círculo de ternura que vela sempre por nós e para nós. Claro que a gente não sabe definir essas realidades.

Meu avô Cecílio me trata como sendo um filho

e me auxilia a superar todos os percalços que se me apresentam na condição de problemas duros de resolver e tanto ele quanto outros protetores estão a postos, onde me encontram advogando a nossa paz e a nossa felicidade.

Querida Mamãe e querido Papai, quando forem a São Bento peço para que os amigos de lá me perdoem o trabalho que lhes dei. Por vezes, fico pensando, um tanto envergonhado, no papelão que fiz, insistindo em salvar da máquina pesada um pequeno brinquedo, aliás, sem importância nenhuma que me arrastou para a lateral da morte. Hoje, aqui, me sinto mais compreensivo e a maturidade espiritual está batendo à minha porta.

Peço a você, querido Edinho, não abusar de máquinas. São todas elas filhas do progresso, mas se assemelham aos monjolos das antigas fazendas. Com a maior indiferença, trituram a vida de um homem, tanto quanto a espiga de milho que se lhe dê.

Creio que os aparelhos da evolução da Terra foram criados por Deus a fim de ajudar-nos, mas isso não nos dispensa do dever de ajudá-los, como se faz preciso.

Agradeço a todos os amigos que se esmeraram para auxiliar-me até que alcançasse o dia de hoje em que me vejo mais integrado em mim mesmo.

À nossa Míriam e ao nosso Antoninho, o meu abraço, com toda alma de filho reconhecido aos nossos queridos pais presentes.

Deus os recompense pela felicidade que me proporcionaram, aceitando-me as notícias e creiam que conservo todos na memória e no coração reconhecido.

Edinho, agradeço ainda a você as quotas de poupança que você guarda, no sentido de colaborar para que nossos irmãos necessitados recebam o pão a mais e em favor de nossos irmãos que enfrentam maior dificuldade que nós mesmos. Recebo tudo isso que você faz em meu nome, na pessoa dos nossos amigos que sofrem e agradeço a você, querido irmão, pela iniciativa.

A Míriam e ao Antoninho agradeço ainda, igualmente, e aos nossos queridos pais deixo toda a minha alma no

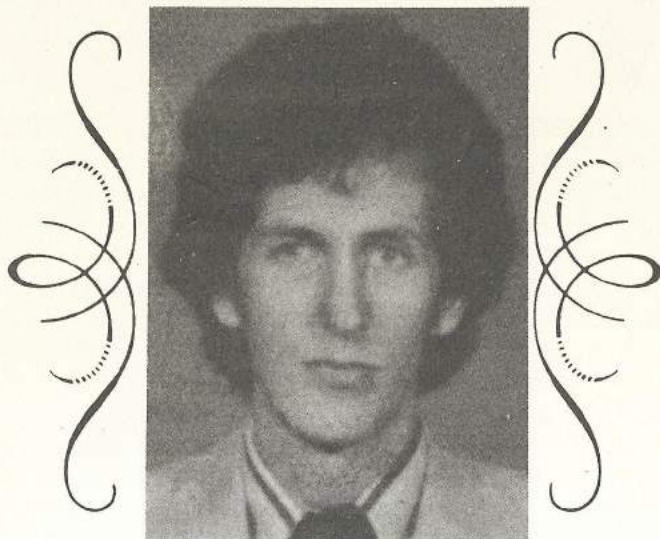
cofre do coração que lhes pertence inteirinho, com um afetuoso abraço a você, querido Edison, do irmão sempre em seus passos, rogando a Jesus nos abençoe a todos e nos guarde unidos para sempre.

MAURO

Edinho querido ...

*Peço a você, não abusar
de máquinas. São todas
elas filhas do progresso,
mas se assemelham
aos monjolos das antigas
fazendas. Com a maior
indiferença, trituram
a vida de um homem,
tanto quanto
a espiga de milho que
se lhe dê.*

Álvaro



Álvaro Gonçalves
Nascimento: 16.8.1953
Desencarnação: 25.10.1978

Pais:

Álvaro da Silva Gonçalves
Elza Devecchi Gonçalves
Rua Jaraguá, 290 - Jaraguá
São Paulo - SP

Pessoas e Fatos

Avós: Tereza Morales Devecchi. Bisavó Marieta Devecchi, desencarnadas, materna.

Laurindo Gonçalves, desencarnado, paterno.

Antonio Créspe, tio avô, viveu e desencarnou na França.

Fátima Silveira, na ocasião sua noiva.

Com entusiasmo e alegria, encontramos Álvaro da Silva Gonçalves.

“Sou outro homem, minha vida e a de minha esposa receberam uma nova luz. Álvaro Gonçalves, meu filho, continua conosco. Só mesmo um profundo agradecimento a Deus, de coração, e trabalho para os que estão na dor pagarão todo o bem que recebemos.”

Das diversas cartas enviadas, destacamos, de sua primeira, a presença de um tio, que seu pai e ele não conheceram. Viveu na França e desencarnou há 22 anos. Dizia:

“Um amigo que se me faz conhecido por irmão e tio Antonio e declara-se vinculado à família do Papai, vem me prestando abençoados serviços e é meu companheiro a cuja dedicação muito devo nesta fase de minhas experiências.”

Procuramos saber do reforço “à família do Papai”: Esclareceu-nos ter um cunhado desencarnado por parte de sua esposa que também é Antonio. Desencarnado. Para não pairarem dúvidas, Álvaro identificou-o na sua vinculação.

Querida Mãezinha, meu querido Papai, peço para que me abençoem. Não sei se voltei a ser criança. A verdade é que me sinto sensibilizado, a ponto de me supor menino de novo, na ansiedade de me fazer sentir tal qual sou. Tenho a idéia de estar na condição dos rapazes que se viram à força retirados de casa, no momento em que se lhes fazem possíveis o noticiário e a presença, de maneira a se mostrarem inteiramente tais quais são no retorno à casa. Saí naquela Quinta-Feira, sem o menor pressentimento de que não voltaria. Penso que não precisarei contar o que me sucedeu. Os pais adivinham tudo. E porque adivinham é que sofrem tanto pelos filhos que Deus lhes confiou, devo esclarecer alguma coisa para afirmar-lhes que fiz o máximo para evitar o desastre. Percebi que me achava diante de manobra difícil, entretanto, era preciso movimentar-me. Tudo seguia com meu pensamento erguido ao apêndice de minha própria atenção, quando senti um golpe na cabeça, uma luz ao mesmo tempo, forte demais, me envolveu a visão e perdi-me num descontrole que não sei descrever. Esforçava-me para reter a memória, falar, explicar-me, no entanto, minhas forças esmoreceram. Não se me fez possível qualquer impulso de retomada do próprio corpo, de vez que um sono estranho se apoderou de mim, sentia-me anestesiado, inconsciente, uma espécie de amnésia, possuía todas as faculdades mentais. Sentia-me vivo e inerte, inconsciente e insensibilizado. Se me perguntassem o próprio nome, não saberia responder, mesmo porque ignorava de que maneira conseguiria descerrar os meus lábios, estava em mim eu mesmo, sem possibilidade de coordenar quaisquer lembranças.

Um tipo de hipnose que ignorava mantinha sobre mim pesada influência até que o desmaio total (pelo menos é como classifico o estado mental em que entrei) me apagou todas as observações e resistência, era um sono

de compulsão de que não conseguia desvencilhar-me. Quantas horas ou dias perdurei semelhante situação não sei dizer - até um instante surgiu no qual me pareceu sair das profundezas de mim mesmo. Tive a impressão de repousar no fundo de um poço enorme, com alguém a chamar por mim tentando alçar-me para cima.

O entendimento de que o nome da pessoa que se repetia era eu próprio, vinha aos poucos do mais íntimo do meu ser - gradativamente despendendo muita força consegui responder - foi então que despertei - não me achava em poço algum e sim num leito muito alvo, com o tio João à minha frente. Supus que me encontrava numa casa de tratamento ou socorro de emergência sem qualquer idéia de que o tio João Devecchi já não mais estava entre nós - essa impressão, porém, cedeu lugar a verdade em momentos rápidos.

Entretanto, embora a certeza de que me achava num outro plano de vida, o corpo me doía qual se estivesse em meu próprio campo físico. O amado amigo me pedia calma e ponderação. Era muito o que o tio me solicitava, porque os pais querido^s, as irmãs, a nossa querida Fátima, a vovó Terezinha, e todos os nossos, estavam em minhas inquietações. Queria notícias e queria dar notícias, falar de mim mesmo, rogar assistência imediata, no entanto, outras pessoas amigas foram surgindo e havia tanta serenidade naqueles rostos que me recomendavam coragem que não tive outro recurso senão acalmar-me. No entanto, à medida que me conformava, as minhas atenções vinham de fora para dentro e por dentro de mim comecei a ver mamãe e a nossa Fátima a me chamarem com lágrimas.

Então pude chorar também, chorar convulsivamente entre a saudade e o anseio impossível de reformar-me na veste estragada que ficara no mundo! Essas lágrimas, como que me lavaram a alma! Como a chuva quando desfaz montões de nuvens no céu para que o azul reapareça e com possível serenidade, venho realizando o meu próprio refazimento. Peço-lhes agora pais queridos para não me recordarem pelos sinais das fotos que estamparam a

nossa provação. Tudo aquilo passou.

Pensemos uns nos outros como nos dias mais belos da vida. Sou o mesmo filho e amigo, cuja vida permanece no afeto e na gratidão com o que Deus nos uniu para sempre. Espero melhorar-me a fim de conhecer melhor o caminho a seguir. Por enquanto, estou sob a tutela de minha avó Marieta, que tem sido um anjo de bondade e carinho, com assistência do tio João e do meu bisavô Gonçalves e de outros familiares que vou conhecendo de vez, embora se saiba por aqui que a pessoa liberada do corpo físico está simplesmente voltando ao seu núcleo de origem, a memória não é instrumento que se possa acordar integralmente de uma só vez. Um amigo que se me faz conhecido por irmão e tio Antonio e que declara vinculado à família do Papai, vem me prestando abençoados serviços e é meu companheiro a cuja dedicação muito devo nesta fase de minhas novas experiências.

Desejo rogar aos pais queridos reconfortarem, quando possível, a noiva querida que ficou na condição de filha em meu lugar. Vejo-a tão nobre e tão criança, que não me cansarei de pedir a Jesus a renovação de minhas próprias forças a fim de auxiliá-la a reencontrar-se no nível de nossas aspirações. A vida é luz divina em nós e a mudança de condição não transforma os sentimentos. Estarei amando-a com carinho de sempre, mas rogando aos Mensageiros do Mais Alto que me auxiliem para que eu possa auxiliá-la. Graças a Deus não fomos criados sob a inspiração do egoísmo e sim da compreensão. Deus nos ajudará a fim de que vejamos a nossa Fátima feliz, tão feliz como sempre desejamos. Pai querido, agradeço ao seu amor e a bondade da Mãezinha não se entregando a averiguações inúteis. Ninguém sofre ou faz alguém sofrer no trânsito porque deseja. As batidas, os acidentes, os capotamentos, o desenfreado em certas máquinas e as ocorrências infelizes, quais que sejam, decorrem de provas que nos cabem atravessar porque, depois de qualquer acontecimento infeliz na estrada, a luta e a inquietação passam a ser sofrimento de todos.

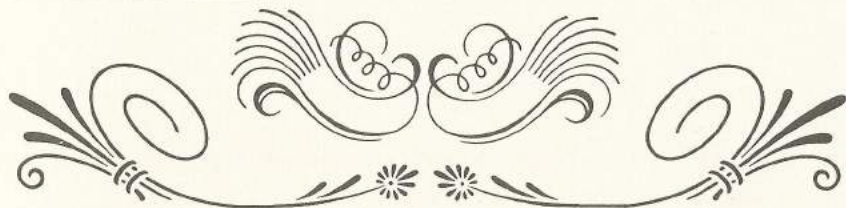
Rogo-lhes coragem e fé em Deus. A vida não termina e espero fortalecer-me e adquirir os conhecimentos necessários para ser o filho amigo, cooperador, que aguardava. Pai querido, creia que o senhor não me perdeu, estamos mais juntos na tarefas dentro das quais a sua fibra de organizador do trabalho e do progresso esperava por minha pequena colaboração.

Deus não nos separará. Diga, por favor, a todos os nossos que estou agradecido às preces e aos atos de fé e amor que me dedicaram. Estou quase feliz, não fosse a saudade que aos poucos saberei transformar em esperança no futuro melhor que virá. Às irmãs queridas e a todos familiares as minhas lembranças de coração. Se Jesus permitir, de futuro trarei outras notícias. Por agora me sinto ainda na posição de um convalescente sem meios de me fixar como desejo em nossos assuntos.

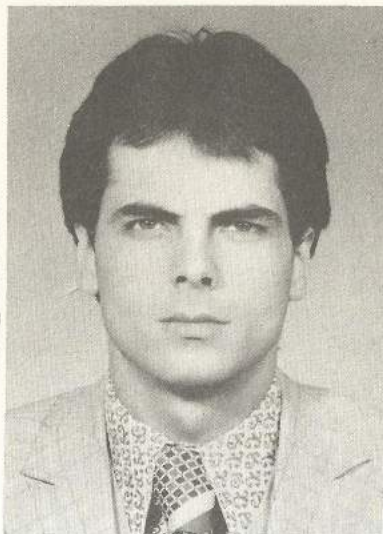
Mãezinha, peço a Deus para que nossas lágrimas agora se façam preces de consolo e alegria pelo reconforto e pela emoção do nosso reencontro. São três meses de ausência e de um vazio no coração para nós que nos amamos tanto. Mas Deus nos reformará os sentimentos e saberemos confiar com mais segurança no amanhã.

Pai querido e querida Mamãe, abençoem-me, recebam a alegria orvalhada pelo pranto da nova fé que me clareia a alma, com muitos beijos encerrados no coração do filho que lhes entrega a própria vida, pedindo a Deus a todos nos proteja e nos abençoe, que o futuro nos encontre sempre mais felizes por sermos uns dos outros na benção de Deus. Sempre o filho amigo, sempre e cada vez mais reconhecido.

ÁLVARO _____



Sergio Luiz



Sergio Luiz Mandarino
Nascimento: 27.11.1957
Desencarnação: 8.2.1978

Pais:

Walter Mandarino
Helena Parigos Mandarino
Rua Barão do Jaceguai, 1974
São Paulo - SP

Pessoas e Fatos

Irmãos: Paulo e José Ricardo Mandarino
Silvana Sartorelli, noiva, desencarnou em sua companhia.

Avôs: José Mandarino, paterno.

Bisavó: Ana, materna.

As confirmações observadas na psicografia de Francisco Cândido Xavier nos sensibilizam e encantam. É o que Sergio Luiz nos mostra: "...rogo ao seu carinho resgatar uma dívida... não sei se é duzentos ou duas vezes duzentos..."

Sua mãe nos conta:

Assaltados em Saquarema, Serginho e Silvana seguiram para o Rio de Janeiro à procura de um telefone. Conheceram Katia Mary de Castro, que os apoiou e emprestou-lhes Cr\$ 200,00 para regressarem a São Paulo, apesar de haver insistido em lhes entregar a importância de Cr\$ 400,00.

"Apesar dos contatos com Katia, na época não lembrei de resgatar a dívida." Eis a razão do apontamento.

Outra nota importante: Serginho gostaria de estar junto a Silvana no sepultamento e deu a entender isso ao avô que o assistia. O Benfeitor prometeu atendê-lo no primeiro pedido, além túmulo. Trancaria o jazigo e falaria mentalmente com o pai do jovem desencarnado.

Essa informação explica a dificuldade que os pais tiveram no sepultamento dos jovens, visto que a fechadura do túmulo emperrou de tal maneira que nenhuma chave das muitas que a família possui serviram para abri-la.

Num ímpeto de amor paternal incontido, Walter Mandarino, pai do jovem Sergio Luiz, comprou um lote de terreno no mesmo Cemitério do Araçá, em São Paulo, e sepultou-os juntos.

Tios: Marieta, paterna.

Carmela, irmã do vovô José Mandarino, desencarnada em 26.12.1978.

Raimundo, esposo de tia Carmela.

Angelo Sartorelli, tio paterno de Silvana Sartorelli.

Vovô Lupo.

Katia Mary de Castro, pessoa que favoreceu Sergio Luiz, no empréstimo de Cr\$ 200,00 no Rio de Janeiro, para que pudesse voltar a São Paulo.

Querida mãezinha Helena, meu querido papai Walter, querida tia Marieta.

Este é um momento em que não posso esquecer de pedir para que me abençoem.

Mamãe querida, somos aqui parcelas de muita ansiedade e de muita dor, somando esperança.

Estou espantado como quem se vê obrigado pela primeira vez a fazer uma prova de habilitação, diante de muita gente. Já sei. O exame não é competitivo. Não procuro qualquer destaque para essa ou aquela situação. Desejo unicamente trazer-lhe consolo e fé em Deus.

Compreendo que me vejo aqui especialmente sob o auxílio do meu avô José Mandarino, que me tutelou desde as primeiras horas de meu novo modo de ser. Ele pensa com as minhas idéias e toma-me, quanto pode, a mão para escrever-lhes, porque, segundo ele próprio me afirma, não dispomos de tempo a fim de aperfeiçoar frases ou grafar as palavras demoradamente.

Devo comunicar-lhes que vivo, que Silvana e eu continuamos vivendo.

Mãezinha e querido pai, será isso pouco?

Creio que não.

Existem recados pequenos com extensões inapreciáveis de sentimento, pelas emoções que provocam. É isso. Queria tanto dirigir-me aos dois como o fazia, calculando e medindo palavra por palavra, entretanto, é preciso adaptar-me à nova condição em que me reconheço a expressar-me como posso.

Adivinho, porém, que ambos me identificarão através de quaisquer linhas que me saiam do lápis, de vez que em tudo o que consiga exprimir palpitará meu coração unido aos pais queridos aos quais Deus me confiou.

Venho pedir-lhes serenidade e coragem.

Creiam. Nada fizemos que suscitasse em nós, em Silvana e em mim próprio, a mínima idéia de culpa.

Guiava pela noite a dentro respeitando todos os sinais.

Silvana por fim, com muito sono, repousava enquanto me fixava na atenção. Entendo, agora, que as minhas lembranças vão clareando, que nos achávamos quase na chegada. Seria Guarulhos o casario à nossa frente?

Penso que sim. O choque veio tão rápido que ainda ignoro como descrevê-lo. Uma bomba que explodisse sobre nós não seria diferente.

Meu primeiro e último pensamento naquele instante inesquecível foi justamente o de verificar o que acontecia à companheira, entretanto, a inércia me absorvera. Não sei explicar que abatimento foi aquele que se apossou de mim. Um sono de agulha fortemente encharcada de anestésicos violentos me tomou a cabeça. Imagino que a Bondade de Deus cria a inconsciência para essas horas de separação do corpo físico, tanto quanto, ao que me parece, nos faz dormir, igualmente quando nos cabe nascer num berço do mundo. Quando acordei foram as lágrimas gritantes dos meus que, de algum modo, me compeliavam a despertar.

Estava estontecido, cambaleante, à maneira de quem acaba de se desvencilhar de uma hipnose que eu não poderia compreender. O assombro me dominava a ponto de supor que tombaria num colapso nervoso quando vi, ao meu lado, o meu avô José. Era bem ele em minhas memórias de quase quinze anos para trás. Amparou-me com braços fortes e pediu-me para ser valente quando, pobre de mim, estava a cair de fraqueza e de espanto.

Aproximei-me da Mãezinha, do papai, de outros parentes queridos, mas não sabia o que fazer para reconfortá-los.

Sem meios de entabular qualquer conversação mais equilibrada com o vovô José perguntei por Silvana, sendo informado que a lembrança ou o retrato físico que ela igualmente deixara estava perto de mim, no entanto, ela mesma havia sido conduzida para a organização hospitalar onde, mais tarde, nos reencontraríamos.

Confesso, Mãezinha, que uma dor imensa me fez amargar o coração pela impossibilidade de conversarmos os dois com o meu pai, mas o vovô José percebeu que eu

não queria separar-me da companheira querida, mesmo entendendo, de inesperado, que apenas deixáramos as nossas vestimentas terrestres no recanto de memórias do Araçá, e com carinho ele me prometeu que o meu primeiro pedido na Vida Espiritual seria satisfeito.

Achávamo-nos no instante em que as despedidas me faziam chorar quase em desespero, mas meu avô me reconfortou explicando que falaria mentalmente com o papai e que a família me colocaria, do ponto de vista de união final de reminiscências da terra, tão juntos, Silvana e eu, como juntos queríamos viver. Meu avô trancou o jazigo para que meu pai compreendesse até que, de algum modo, me vi consolado ao saber que Silvana e eu não ficaríamos apartados um do outro.

Capricho de rapaz, querida Mamãe, porque, com os dias o entendimento foi amadurecendo em meus raciocínios...

Agora reconheço que o ápice de nossos sofrimentos desceu para o declive da saudade que realmente não passa do ponto em que se fixou, porquanto, a saudade é nossa, tão nossa, que somente nós a compartilhamos na intensidade com que se nos agigantou por dentro da própria alma. Neste estado de coisas, é que lhes peço fé e coragem.

Agradeço as orações e todas as demonstrações de carinho que nos ofertaram.

Agradeço tudo e lhes afirmo que continuo sendo o mesmo, o mesmo filho reconhecido.

Silvana ainda se vê bastante traumatizada e não creio que ela pudesse vir em minha companhia, senão para chorar longamente, entretanto, se encontra em refazimento e quase recuperada.

Aqui, encontrei outro avô, o avô Lupo e a vovó Marieta, com outros amigos que me auxiliam. Eles todos me contaram que teríamos este encontro — um encontro difícil em que nos enxergamos pela saudade e pelas lágrimas, entretanto, rogo para que nos esforcemos por transformar as nossas comoções em preces de esperança.

A Vida não termina com a morte. Estamos todos interligados, vivendo em dois mundos diferentes na aparência, mas unicamente no que diz respeito às exterioridades de nossas manifestações, porque a verdade é que há um espírito de seqüência em tudo o que hoje observo para efetuar a retomada total, de mim próprio.

De amigos queridos, conheço igualmente a criatura santa que me disse ser minha vovó Ana, e um amigo, que se faz conhecer por Angelo Sartorelli, tem consagrado à Silvana especial atenção.

Peço-lhes que se restaurem na confiança em Deus e na vida.

Mãezinha, escutei suas petições: “Rogo a Deus para que seja meu filho Sérgio a exprimir-se se acaso tivermos de receber alguma notícia dele”.

Guarde convicção de que sou eu mesmo.

Rogo ao seu querido coração para desejar viver. Meu pai precisa de sua força espiritual. Paulo e Ricardo, os irmãos queridos, estão pedindo assistência e proteção. E do que me ocorre, vejo-me simplesmente em outra forma de existência, mas estarei a cooperar a fim de que a nossa casa esteja em paz, quando isso se me faça possível.

Por minha vontade, teria permanecido. Ficar sim. Ficar para erguer-me no futuro de serviço e ser para meu pai o companheiro que aspirei ser.

Acontece, porém, que as leis da Vida e da morte são as leis de Deus.

Cada um de nós tem um ponto de desembarque do comboio físico, na mesma regra pela qual encontramos um ponto de partida.

Ali, querida Mãezinha Helena, onde ficaram minhas derradeiras fotos, era estação assinalada para que desfizesse dos encargos do presente. Mas, creiam vocês que estaremos juntos como sempre.

O avô José pede seja dito a meus pais e à tia, especialmente, que tia Carmela voltou em paz e que se encontra amparada nas vibrações das preces de muitos amigos, incluindo as orações do tio Raimundo.

Mãezinha, papai, querida tia, o tempo esgotou-se para mim.

Deus sabe que procurei estampar o meu coração naquilo que escrevo.

Através da meditação e da saudade, reunir-nos-emos sempre.

Um novo despertar aparece por dentro de mim. É a esperança de que se chorarmos, ainda esse pranto será de gratidão a Deus que nos criou para sermos uns dos outros.

Papai, o vovô José pede-lhe considerar que o seu tratamento exige tranqüilidade. Primeiro acalmar todos os pensamentos para, em seguida, refletirmos sobre a assistência médica em perspectiva.

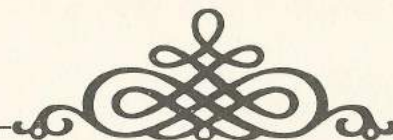
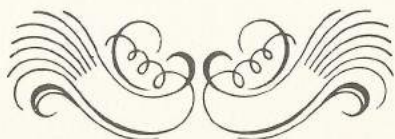
Em tempo ainda, rogo o seu carinho resgatar uma dívida em que me empenhei com os amigos ao iniciar a viagem. Não sei se devo duzentos ou duas vezes duzentos cruzeiros. Preciso, porém, registrar isso, porque nas pequenas obrigações cumpridas aprendi comigo a preparar-me para as grandes.

Muito carinho aos irmãos e a todos os nossos.

Abstenho-me de assinalar muitos nomes para não me esquecer de que sou devedor de todos.

Mãezinha querida, querida tia e querido papai, aqui neste ponto final fica estacado o próprio coração do filho que lhes deve a vida e a alegria de viver e que lhes será sempre o companheiro reconhecido.

SÉRGIO LUIZ _____



Mãezinha,

escutei suas petições:

*“Rogo a Deus para que
seja meu filho Sérgio
a exprimir-se se acaso
tivermos de receber
alguma notícia dele.”*

Andréa



Andréa Lodi
Nascimento: 25.11.1968
Desencarnação: 6.4.1978

Pais:

Armando Lodi
Edinah C. Grasserchi Lodi
Rua Pindauva, 81
São Paulo - SP

Pessoas e Fatos

Irmão: Gilberto Lodi

Avô: Sylvio Lodi, paterno, desencarnado.

Bisavó: Ana de Vita Carneiro, materna, desencarnada.

“Quando puderem, distribuam tudo o que pretendem guardar por lembranças minhas.

Estaremos no amor, mas não presos a objetos que de certa maneira nos escravizam.”

Essa recomendação de Andrea lhe traduz a preocupação de não ampliar a tristeza, rememorada nos objetos de aquisição terrena que habitualmente nos escravizam a sentimentos negativos e dificultam o desligamento dos laços materiais, após a liberação da existência no Plano Físico.

Na pureza de seu coração, tranquiliza a mãezinha, martirizada pela idéia de que poderia ter estacionado o veículo em outro ponto diante do semáforo e evitaria ser abalroada.

Esclarece-a também de que sua permanência na Terra seria ligeira. Confirma-se uma vez mais: os entes queridos partem e com eles a preocupação de como ficamos.

Será que os ajudamos em nosso desequilíbrio ou devemos aplicar a terapêutica da resignação, aceitando a vontade de Deus?

Meu querido papai Armando e querida mamãe Edinah, peço para que me abençoem. Estou bem.

Saudades de casa não poderiam deixar de estar comigo, mas estou aqui, junto do vovô Silvio, que nos solicita calma e paciência.

Mãezinha, não se aflija mais pensando que poderia haver parado o carro em outro lugar.

Meu tempo na Terra seria ligeiro. Quando o veículo foi abalroado, notei que um choque me fazia adormecer de repente.

Como saí do lugar em que estávamos, ainda ignoro, mas acordei junto de uma senhora assim tão carinhosa e tão compreensiva, qual a senhora e vovó. Acalmou-me e só muito pouco a pouco me disse que era minha avó Ana que não sei como retratar.

Sei que estou melhor e com o apoio do meu avô Silvio estou num grande colégio cercado de jardins. Peço para ficarem tranqüilos. Meu avô me diz para que eu pense que vim para cá a fim de aprender muitas lições de internação longa.

Confesso que ainda me vejo muito desambientada, mas creio que se meus pais me auxiliarem a minha estranheza passará.

É preciso pensar em nosso querido Gilberto e em outras crianças que são também nossas.

Nossos professores aqui muitos deles informam que possuem filhos na Terra e que nos amam, da mesma forma em que as crianças deles são estimadas e protegidas por muita gente boa no mundo.

Papai, ajude a mãezinha a não pensar mais em que a minha vinda para cá poderia acontecer de outro modo.

Vovô Silvio me afirma que o senhor é sempre um filho maravilhoso e saberá compreender tudo quanto quero dizer e ignoro como expressar.

Quanto puderem, distribuam tudo o que pretendem guardar por lembranças minhas.

Estaremos no amor, mas não presos a objetos que de certa maneira nos escravizam.

Perdoem-me se peço isto.

Mas vovô Silvio diz que é preciso me decidir a fazer essa solicitação.

Desculpe-me se vou terminar.

Aqui, me ensinam que quando falamos para a Terra é preciso saber podar a dor, para que os sofrimentos daqueles que amamos não sejam aumentados, mas me permitem dizer que as saudades da casa ainda me doem muito, entretanto, devemos aceitar as dificuldades como abraçamos as alegrias, pois umas e outras chegam de Deus.

Querida mãezinha, receba com o papai Armando e com o nosso Gilberto, o coração repleto de carinho e de amor, esperança e reconhecimento de sua filha.

ANDRÉA



Mãezinha... Aqui me ensinam

*que quando falamos para a Terra é
preciso saber podar a dor, para que os
sofrimentos daqueles que amamos não
sejam aumentados...*



Cacilda Becker



Cacilda Becker Yaconis
Nascimento: 6.4.1921
Desencarnação: 14.6.1969

Filho:

Luiz Carlos Becker Fleury Martins
Rua Isonzo, 597
São Paulo - SP

Pessoas e Fatos

Nora: Dorita Becker Fleury Martins.

O breve roteiro de Luiz Carlos Becker, apresentando a mensagem da mãezinha, evidencia alguns aspectos de sua partida.
"9.5.1969 - TEATRO CACILDA BECKER - Peça ESPERANDO GODOT.

O pano de boca fechara-se, definia o fim do 1.º ato. Do outro lado, o mendigo Estragon, interpretado por Cacilda Becker, começava a morrer. Um derrame cerebral letal e desfalecia a atriz em pleno palco.

14.6.1969 - HOSPITAL - 10 horas.

Aos 48 anos, a dama do Teatro Brasileiro desencarnava. Fenecia em minh'alma a esperança, a amizade profunda, a razão da vida. Iniciava um período de grande dor.

Julho de 1971 - EDIFÍCIO DIÁRIOS ASSOCIADOS.

Em indescritível abatimento, sentado à mesa de amigo jornalista (acompanhado de Dorita, minha futura mulher), a bondade de Deus permitiu-nos um encontro com Chico Xavier e irrefutável prova da sobrevivência. Nesse dia, Chico expressou, com perfeita fidelidade, algo que somente o meu coração sabia: as palavras que escrevi em pequenino cartão, depositado sob a cabeça de mamãe, no esquite, expressando amor e saudade.

30.8.1979 - MODESTA SALA FAMILIAR.

Cacilda Becker traz-nos sua palavra com estilo próprio, inconfundível. Responde às questões mais íntimas, através das mãos do médium Francisco Cândido Xavier."

Cuca e Dorita.
Queridos filhos.

Deus nos abençoe. Sem dúvida que não seria de outro modo. Estamos juntos. Como sempre.

Não se admitam derrotados à frente da luta. É preciso armar-nos, por dentro, com a luz da compreensão, a fim de vencer. As provas são barreiras naturais. Indispensável atravessá-las e conquistar outras experiências.

Seguimos de perto as dificuldades e contradições, com as quais ambos se reconhecem defrontados. Problemas: Às vezes, problemas aparentemente insolúveis. Entretanto, é necessário, prosseguir, caminho adiante, transportando o fardo das questões que, porventura, nos assediem.

Cada dia de trabalho é uma parcela de resgate do peso. As tarefas em nossas mãos recordam instrumentos com que a Divina Sabedoria nos faculta a possibilidade de avançar para as vanguardas da paz, com o aprimoramento de nós mesmos. Ser o que somos, buscando aperfeiçoar-nos sempre. Autenticidade.

Aqueles que não se enganam quanto a si próprios se fazem claramente incapazes de enganar aos outros. Por isso mesmo, rogo aos Divinos Mensageiros abençoarem os propósitos superiores com que se uniram, para que nós todos, os corações que lhes gravitam em torno do ser, venhamos a assimilar o Bem Eterno, pelo exercício constante, daquele amor que Jesus nos ensinou a cultivar. Suportem os conflitos do relacionamento humano.

Nunca desafiá-los, mas aceitar os desafios da vida e seguir adiante, na busca de nossa própria transformação com vistas ao Eterno. Amem-se no labirinto das incompreensões e condicionamentos do mundo e atendamos ao chamamento da vida que nos induz a marchar.

Filhos meus, nunca estivemos separados.

Nos dias mais escuros, quando tudo parecia desabar,

em derredor de nós, era eu a oração silenciosa, velando-lhes os sonhos.

O amor!...

Quem ousará emitir a suprema definição dele, se o amor é a emanção do Divino? No campo das formas, o fluido sublime se divide e se subdivide infinitamente.

Entretanto, se os frascos evidenciam flagrantes diferenciações, o perfume é análogo em todos eles. A vestimenta assume o talhe que as leis da matéria lhe imprime em cada plano de existência, no entanto, o conteúdo não difere. Aqui mesmo e no Mais Além, criou-nos a Divina Sabedoria para entrelaçar-nos no mesmo laço de união imortal.

Na Terra, as ilusões da posse estabelecem compromissos, à feição de cadeias benéficas, prendendo-nos a deveres que nos cabem observar, mas, a verdade paira sobre todas as divisões e o amor puro vence e reina soberano, à frente da Imortalidade. Filhos queridos, o coração humano é semelhante à Terra mesmo.

Justo que enxadas e tratores desbravem o solo, tanto quanto instrumentos variados rasgam a gleba para que a gleba produza. As chuvas periódicas irrigam as promessas da plantação e em nossa jornada, é razoável que aguaceiros de lágrimas se desfaçam sobre as nossas próprias vidas, facilitando a subida das primeiras vergôntes que amanhã se farão árvores do ideal realizado. Trato incessante se exige do lavrador para que o verde se converta em outros coloridos nas flores e nos frutos que virão.

Também nós reclamaremos sempre duras disciplinas, a fim de que a previsão da colheita, quanto aos recursos espirituais, não sofram deformidades e frustrações.

Pétalas acetinadas aparecem nos braços esmeraldinos da vegetação, expostas ao vento que as seleciona e, por vezes, castiga no intuito de aferir-lhes a resistência. E nós outros, somos agraciados igualmente com as pétalas dos sonhos que a ventania da realidade costuma visitar, por entre depredações e ameaças, verificando-lhes a segurança, perante o tempo que há de vir. E as

pragas, de quando a quando, que irrompem de modo quase inexplicável para o homem do campo, aniquilando-lhe muitas das mais belas esperanças, nos recordam igualmente, determinadas situações humanas, em que as nossas aspirações experimentam o assédio desses exércitos microbianos em que deperecem muitas de nossas forças mais robustas e promissoras. E assim como inseticidas são trazidos para a extinção do agente invasor, as provações em identidade de circunstâncias também nos alimpam e reabilitam as energias para a continuidade do serviço que fomos chamados a realizar.

E recordemos: quando os elementos que entramam a vida no íntimo do Planeta explodem na Crosta, como que desesperados e repulsivos, eis exasperação inútil do orbe, espalhando a lava comburentes que expressa por si mesma a presença da destruição e da morte.

Esses quadros vulcânicos se patenteiam em nós mesmos, quando a paciência e o entendimento se nos escasseiam no coração, arrastando-nos ao desequilíbrio, no qual as nossas forças inconscientes arquivadas nos recessos de nossa mente, e derramam ao redor de nossos próprios passos, calcinando inúmeras promessas de paz e amor que já se nos formavam no ser, tanto quanto na intimidade dos entes que mais amamos. E a Terra prossegue em seus giros e vôos controlados, através do Infinito para que destino?

Diz a Ciência materialista que ninguém sabe, entretanto, pela fé sabemos que a nossa habitação multimilenária, tão multimilenária quanto nós mesmos, se precipita nos abismos do Cosmo, à procura de Deus, no Oceano Universal do Amor em que Todos nos achamos imersos. Na grande excursão, constituída de milênios numerosos, vencerá quem mais ame.

Apressar-se-á quem mais dê de si, em louvor dos outros. Filhos do coração, este é o nosso curso de agora. Compreender e servir, abençoar e amar sempre. Nunca calcular as retribuições, porque as retribuições se erigem na estrada como especialidade dos cobradores, dos que se dedicam às paradas ingratas, aguardando o imposto de

gratidão nas fileiras de companheiros em penúria, sedentos de luz ou famintos de pão espiritual, nas reentrâncias da retaguarda.

Adiante. Esta é a palavra. Nossa Dorita está melhorando nos próprios recursos de auto-refazimento. Conservemos a esperança por talento do Céu em nossas mãos. Seguir constantemente, sentindo o melhor, pensando o melhor e fazendo o melhor ao nosso alcance.

Amanhã, o dia sorrirá com luz diferente. E não há noite sem amanhecer. Terei falado quanto desejo a filhos que amo tanto? O coração escava o canteiro das idéias para surpreender as expressões mais adequadas com que o nosso afeto se destaque ou se defina. Ainda assim, o sentimento, ao que me parece, é uma espécie de baliza que não encontra conjunção com as forças que ele próprio deve inspirar, ante os quadros da frente, cada vez mais empolgantes para os olhos que os contemplam antes que os demais companheiros lhes fitem a prodigiosa beleza.

Ainda assim, na incapacidade de expressão em que me vejo, entrego-lhes o coração. Sigamos. O Divino Amigo deslocou-se diante de nós, subindo um monte agressivo com a cruz nos ombros. É preciso escalar a montanha de nosso próprio passado com o lenho de nossas dívidas e alcançar os cimos.

Lá, onde nos reencontraremos, todos seremos iluminados pelo eterno resplendor. Cuca, meu filho, Dorita, filha do coração, amem-se tanto quanto os amo, com as minhas penas e com as minhas alegrias, com as minhas dificuldades e com os meus acertos, com as minhas esperanças e com as minhas lágrimas e cumprindo os nossos deveres, ante o Senhor de Nossas Vidas, peçamos a Ele nos proteja e nos abençoe.

CACILDA _____



Ério



Francisco Savério M.S.E. Orlandi
Nascimento: 25.4.1942
Desencarnação: 20.1.1975

Pais:

Domênico Orlandi
Elda C. Orlandi
Rua Traipu, 1285
São Paulo - SP

Pessoas e Fatos

Espôsa: Adriana Lunardelli

Filha: Giorgia Lunardelli Orlandi

Avô: Francisco Savério, paterno desencarnado.

Avôs: Sisto Coggiola, materno, desencarnado
Eulália Postiglione, materna, desencarnada

Tios: Carlo Babbini, paterno. Alfonso Orlandi, paterno,
Caetano, Vicente, paterno, desencarnados.

Com imenso reconforto, ~~veremos~~ nestas linhas, que a fé, sincronizada com o amor, são esteios que amenizam os corações amargurados.

Para o jovem Ério, que trazia em sua bagagem material a posse de vários títulos profissionais e vários troféus de vida esportiva, brilhava nas competições não ocorreria, decerto, pudesse partir para o Mundo dos Espíritos ao desviar-se de um animal em plena Rodovia dos Imigrantes, num lamentável acidente de carro.

O desânimo, a tristeza e as preces a Deus na recuperação da querida esposa, que estivera desacordada por três dias, foram constantes.

Filho único, seus pais choravam com a dolorosa realidade. Para se consolarem, e ávidos de notícias, rumaram para Uberaba. As cartas chegaram e neste volume publicamos uma delas.

Bruna Mazzantini, residente na Itália.

Viviana Lunardelli, cunhada, desencarnada

Amigos Espirituais: Augusto Cezar, Pia Passini Maciel,
Célia Marcondes, Maria Helena Marcondes.

Amigos da Família: Yolanda César, Silvio e Nair.

Querida Mãezinha,

Querido Pai, a bênção de Deus nos envolva.

Tomo o lápis, a fim de trazer-lhes a mensagem de carinho e gratidão que desejo formular desde muito.

Compreendo que vozes mais autorizadas poderiam ocupar o ensejo que me favorece, de modo a transmitirem conforto e instrução que não me sinto ainda em condições de interpretar.

Ainda assim, o nosso amigo Dr. Bezerra de Menezes recomendou-me falasse aos pais queridos, qual se me fosse permitido expressar a todos os corações presentes à nossa reunião, a palavra do Mais Além, destacando a bênção da esperança e a imortalidade da vida.

Pais queridos, à maneira de tantos filhos transferidos para cá recentemente, pedi e me foi concedida a oportunidade de permanecer mais perto dos entes amados, cooperando e agindo em tarefas do bem, junto às instituições da Terra mesmo.

Tenho comigo hoje, por isso, a experiência de tantos amigos que regressam para a Vida Maior violentamente e os exemplos de fé viva em Deus, doados a nós todos por mães e pais do mundo, martirizados de angústia e saudade, perante as vidas quase sempre verdes que as mãos da morte lhes arrancaram à convivência.

E uma nova modalidade de esporte me atrai. Presentemente a exercícios constantes, quais sejam, a corrida ao bem, disputando a oportunidade de servir; o salto sobre os obstáculos da Terra que, tantas vezes, em forma de incompreensão ou discórdia impedem as realizações da beneficência; a ginástica do perdão, pela qual se nos desenvolvem novos músculos mentais de resistência na luta renovadora, em que a Divina Providência nos situa em momentos especiais do caminho; as partidas afetuosas da caridade, em que buscamos adiantar-nos no serviço ao próximo, procurando

auxiliar com mais segurança; o atletismo do trabalho incessante na construção da vida melhor para os nossos irmãos em Humanidade; e as edificações da renúncia aos nossos próprios desejos, através da qual consolidamos qualidades de espírito que é muito difícil fixar em nós mesmos...

Isso poderá parecer que me matriculei em treinamentos de santidade, o que não acontece. Prossigo tão humano agora, quanto ontem, necessitando de semelhantes tarefas, a fim de permanecer ao lado dos pais queridos, de nossa Adriana e de nossa Giorgia, a modo de amor em sentinela infatigável.

A propósito, peço-lhes continuidade no auxílio à minha querida Adriana, para que a vejamos fortalecida e renovada no interesse de viver. Reconheço que não tem sido fácil para a querida companheira desprender-se de nossas lembranças mais íntimas.

Nossa felicidade foi plantada no solo profundo da compreensão recíproca e nem Adriana e nem eu somos capazes de desraizar a planta constantemente florida de nosso imenso amor, com a nossa querida Giorgia por traço luminoso e cada vez mais vivo de nossa união. Deus será nossa fortaleza e nosso auxílio.

Aqui na Vida Espiritual, os assuntos da confiança no Poder Divino são mais vivos e imediatos ao coração. Enquanto na Terra, as nossas impressões se dissociam e os temas da alma como que se demoram em posição secundária mas agora, aqui aprendemos a orar e confiar com eficiência.

Peço à querida Mãezinha, não se entristecer se a querida neta permanece mais tempo com a Vovó Zulmira e com o Vovô Sérgio. Isso não expressa ausência ou desinteresse.

É que a nossa Adriana ainda sofre os traumas do 20 de janeiro, de dois anos passados. E os conflitos da companheira querida em recordando a separação violenta são ainda muito grandes. Embora essa observação, não podemos esquecer que as melhoras dela são evidentes. Atendamos ao trabalho gradativo da recuperação.

Agradeço à nossa querida Bruna a presença entre nós — a querida “Tia” Bruna que está em meu agradecimento de sempre.

Desejo dizer a ela que o nosso amigo Carlo, a pouco e pouco, se voltará para o clima da felicidade sempre nossa. As provas do mundo são lições. Até a morte do corpo é um ensinamento pelo qual se nos testam os sentimentos do amor e da fidelidade, uns para com os outros. “Tia” Bruna é esse coração de paz e ternura que conhecemos e Jesus lhe concederá a realização das suas melhores esperanças de Esposa e Mãe.

Estamos nessa noite, lembrando o natalício espiritual de nosso amigo Augusto. Desejo registrar o acontecimento, porque irmãos e irmãs nossos, aqui presentes, são unânimes no reconhecimento aos familiares queridos que se nos associaram ao preito de carinho e amizade pelo companheiro, à cuja dedicação devemos tanto. Nossa irmã Pia Maciel presidindo-nos a comissão de cordialidade e companheirismo, pede a Deus abençoe a nossa irmã Yolanda e corações amigos de nosso lado, como sejam as irmãs Marcondes e muitos outros amigos de nossas reuniões, agradecem as lembranças distribuídas, para com a nossa família maior em nome do querido aniversariante.

Nossas festas estão agora transformadas. Ao invés de concentrarmos as alegrias da abundância e do tempo, entre as paredes de casa, Graças a Deus, estamos aprendendo a estender esses tesouros para com os nossos irmãos em problemas e dificuldades maiores do que os nossos. Estamos contentes e reconhecidos, pedindo a Deus para que a felicidade reine conosco.

Pai querido e querida Mãezinha, em nossa companhia temos o Vovô Savério, o tio Alfonso, o tio Caetano, a irmã Viviana, o irmão Vicente, o Vovô Coggiola e a Vovó Eulália, compartilhando de nosso contentamento. Faço questão de assinalar-lhes a presença, pois isso me auxilia a ser simples e reconhecido àqueles que tanto nos concedem, quanto ao carinho e à assistência espiritual de que necessitamos para viver e conviver.

Agradecemos as lembranças de todos os amigos, sem nos esquecer de salientar a nossa gratidão aos queridos amigos Silvio e Nair.

Agora, é o nosso abraço, com os votos de Boa Noite, significando a nossa prece a Deus pela felicidade constante de todos.

Papai sempre lembrado e querida Mãezinha, reunindo ambos com a nossa Adriana e com a nossa Giorgia em meus pensamentos, peço recebam todo o amor e todo o reconhecimento do filho que se sente cada vez mais feliz por pertencer-lhes com toda alma e coração.

Sempre o filho e companheiro de todos os instantes, sempre mais confiante em Deus e sempre mais agradecido e feliz,

ÉRIO

Pais queridos,

à maneira de tantos filhos

transferidos para cá

recentemente, pedi

e me foi concedida

a oportunidade de

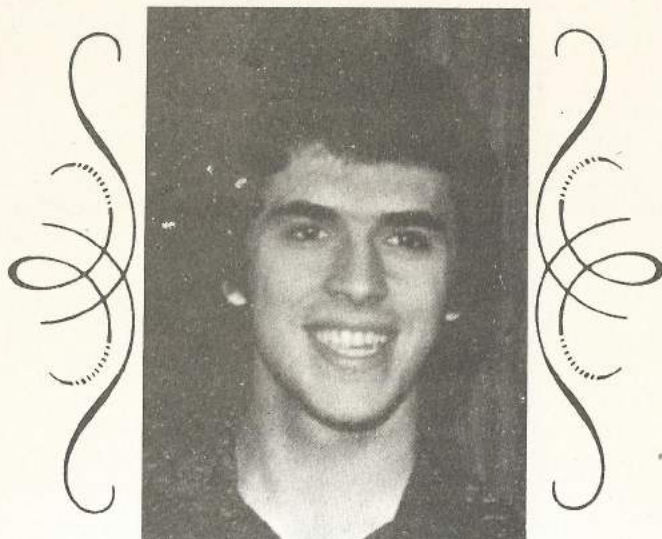
permanecer mais perto

dos entes amados,

cooperando e agindo

em tarefas do bem...

Jorge Luiz



Jorge Luiz Camargo
Nascimento: 16.4.1955
Desencarnação: 18.3.1977

Pais:
Oswaldo Camargo
Iris Motono Camargo
Rua Rocha 318
São Paulo - SP

Quando o espírito entender que não se pertence, que é do mundo, a serviço dos semelhantes, e puder se reservar o direito de escolha para um companheiro ou companheira, não quer dizer que o amor não possa aliar-se pelos laços materno ou paterno, integrados no campo afetivo. Esse carinho, esse amor, transforma-se em consciência cristã, como na parábola de Jesus: "Todo aquele que faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe."

Num recado, Jorge Luiz nos mostra:

"Uma família nem sempre se constitui de dois corações unicamente. Os filhos contam Amores que nascem do amor entre duas almas, eles nos falam de Deus e da beleza da vida. Nada posso adiantar quanto ao futuro, porque o Amanhã surge da Providência Divina. Entretanto, quem sabe? Não poderei, de minha parte, sonhar em ser um filho que a ame tanto e que ame tanto ao novo pai que o Céu me conceda, que eu seja, um dia, capaz de ressuscitar nossas esperanças em outros níveis? Por que haveríamos de pensar numa afeição exclusiva com os impulsos da posse absoluta a envenenar-nos a vida?"

Pessoas e Fatos

Avós: Rafael Motono, materno. Clodomiro Camargo, paterno.

Armando Alcântara, avô de Denise Brosa Alcântara, na ocasião noiva de Jorge Luiz.

Tios: Alexandre Motono, Olga, Vicente Augusto, materno.

Vera Lucia e Jorge Paulo, sobrinhos, materno.

Querida Mãezinha Iris, querido papai.
Rogo-lhes a bênção de paz com que sempre me reconfortam.

Estou sim. Aqui mesmo. Como da vez passada. As palavras me explodem na memória, entretanto, o coração me parece um tradutor doente, no íntimo de mim mesmo.

Refiro-me às nossas dificuldades para asserenar os sentimentos de nossa querida Denise.

Tenho lutado. Compreendo. A noiva querida significa em nosso coração de rapaz uma promessa de felicidade para sempre. Se isso ocorreu comigo, naturalmente com ela, menina sensível e afetuosa, isso estará sucedendo numa condição que não conseguimos imaginar.

Mãezinha, seja para mim a portadora da mensagem que lhe desejaria transmitir em sentido direto. Diga-lhe, Mamãe, para não pensar em morte voluntária.

Nunca suporia que a nossa Denise viesse a pensar na deserção das provas em que Deus, pela Justiça que nos governa, nos oferece as melhores ocasiões de burilar o próprio espírito na direção de uma Vida Maior e Melhor.

Faremos tudo para reerguer-lhe o ânimo abatido. Acompanho-a, por vezes desolado, as horas de desânimo e descrença. Ouço-a na acústica do meu coração a perguntar pelos planos que formávamos e noto-a respondendo a si mesma com a idéia da negação a queimar-lhe os pensamentos.

Peço-lhe, Mãezinha, seja dito a ela que estou vivo e que compreender não é renunciar. Realmente, seu filho não pode, por agora, fazê-la feliz nas mesmas linhas de compromisso em que nossos projetos se levantavam, mas posso ser o irmão e amigo a soerguer-lhe as forças, por vezes exaustas. Que ela retome a vida e que reflita na felicidade como dantes.

A formação de um lar com o braço valoroso de um companheiro correto e fiel não lhe deve ser estranha.

Uma família nem sempre se constitui de dois corações unicamente. Os filhos contam. Amores que nascem do amor entre duas almas, eles nos falam de Deus e da beleza da vida.

Nada posso adiantar quanto ao futuro, porque o Amanhã surge da Providência Divina, entretanto, quem sabe? Não poderei, de minha parte, sonhar em ser um filho que a ame tanto e que ame tanto ao novo pai que o Céu me conceda que eu seja um dia, capaz de ressuscitar nossas esperanças em outros níveis?

Por que haveríamos de pensar numa afeição exclusiva com os impulsos da posse absoluta a envenenar-nos a vida?

Um filho...

Pensávamos nisso. Não serei eu mesmo, em tempo vindouro a criança para quem Denise cantará nossas melodias de ninar? Haverá algo de mais puro do que um beijo materno para sossegar um pequenino necessitado de paz?

Denise! por que a idéia da autodestruição, se nada destruímos senão a nossa própria felicidade, quando nos colocamos contra as Leis de Deus?...

Meu pai Oswaldo, diga àquela que o senhor igualmente ama por filha que não desapareci na estrada de Atibaia, que estou cada vez mais vivo para auxiliá-la a construir a felicidade que imaginamos conquistar. E essa conquista não será interrompida. Seguiremos ao encontro dela, vestindo as nossas aspirações em outros trajes. E é preciso reconhecer que uma existência na Terra, por mais longa, não passa de uma gota de calendário, no oceano do Tempo.

Aceitemos nossas provas com serenidade e confiança em Deus na fé em nós mesmos.

Sei que a nossa querida Denise me ouvirá.

Peço-lhe seja dito que tenho aqui dois amigos em vovô Rafael e em vovô Clodomiro e ela possui um protetor dedicado em outro avô, o irmão Alcântara que vim a conhecer em minha vida nova.

Espero que o nosso empreendimento afetivo dê o resultado que esperamos.

Não desejo que a nossa abnegada companheirinha julgue minhas palavras em termos de desistência e sim que me entenda nos propósitos de felicidade que desejo a ela, tanto quanto a nós mesmos.

Meu pai Oswaldo, o tio Alexandre está muito bem. Acompanhei-o na vinda para Cá, em fevereiro último e posso dizer-lhes que ele está se adaptando com segurança às novas vivências que a liberação do corpo físico nos compele a enfrentar.

Quero notificar ainda à querida Vera, presente ao nosso encontro, que muitos amigos daqui lhe apóiam o tratamento de saúde e que precisa continuar e que nós não nos descuidamos de cooperar em auxílio dos nossos queridos Vicente, Paulo e Olga.

Tudo prossegue.

A família dos que se amam reciprocamente jamais se divide. Estamos unidos na colaboração pelo bem uns dos outros.

Agradeço por todas as bênçãos que recebo constantemente de nossa casa e peço a Deus nos guarde em abençoada comunhão espiritual.

Querida Mãezinha e querido Papai, lembrem-me como sempre forte e tranqüilo. Estou aprendendo a agir melhor para melhor servir.

Recebam com todos os nossos as minhas afetuosas lembranças, das quais destaco muito carinhosamente para os dois um beijo de respeitoso amor, do filho sempre reconhecido,

JORGE LUIZ



*Querida Mãezinha
e querido Papai,*

*lembrem-me como sempre
forte e tranqüilo.*

*Estou aprendendo
a agir melhor
para melhor servir.*

Rosana



Rosana Augusto Infante
Nascimento: 16.9.1958
Desencarnação: 24.2.1978

Pais:

Antonio Virgilio Infante
Marlize Augusto Infante
Rua Antonio Appel Neto, 131
São Paulo - SP.

Meiga, gentil, alegre, Rosana desfrutava no lar a posição de filha querida. Na intimidade, correspondia plenamente ao amor de seus irmãos, e tudo fazia para a felicidade da família. No incentivo à querida mãe, não deixa de mostrar que o verdadeiro sentido do reencontro espiritual é o estímulo ao trabalho na Seara do Bem ao Próximo, para a construção do futuro melhor.

Pessoas e Fatos

Irmãos: Marcos Antonio Augusto Infante,
Carlos Alberto Augusto Infante.

Cássio Llorente (Cássinho), companheiro de infância,
desencarnado aos 16 anos.

Dia treze: Dia das Mães

Querida Mãezinha Marlize, abençoe-me.

Continuamos juntas, em nossa edificação espiritual. Você, querida Mamãe, nos seus silêncios e alegrias veladas, no Plano Físico, e eu, com as minhas preces e esperanças, na Vida Espiritual.

Não se sinta só, em nossa procura de hoje. Todos os nossos nos aceitaram com os nossos pensamentos novos e observaram que a perda do corpo físico não foi o meu desaparecimento.

É natural que nos aprovelem e não nos sigam em todas as minudências de nossos novos caminhos, porque outros apelos lhe são desfechados por outros setores da vida.

Cada qual virá no tempo próprio.

Por agora, essa ânsia de reintegração espiritual de um coração no outro é mais nossa e, por este motivo, não nos será lícito alterar cousa alguma. Consola-nos saber que estamos ligadas uma à outra e que todos os nossos sentimentos continuam uns nos outros.

Você pensa e vibro de minha parte, tentando responder-lhe aos pedidos imanifestos nas palavras do mundo e eu vibro, nesse ou naquele anseio e você pensa, reagindo positivamente às minhas solicitações.

Caminheemos, muito trabalho espera-nos pela frente e precisamos continuar firmes em nossos ideais.

Agradeçamos a Deus pelo fato do Papai aceitar-me as notícias com sinceridade e pela certeza de que os meninos acolheram com carinho as nossas novas manifestações.

Marco Antonio e Carlos Alberto são flores abertas no jardim da vida e meu pai, notavelmente bom e correto, é o apoio que nos transporta na viagem do dia-a-dia para a Vida Maior.

Todos efetuam o melhor que podem, a fim de ver-nos satisfeitas e isso, querida Mãezinha, é razão para estarmos constantemente mais agradecidas. Venho

desejar-lhe um Dia das Mães repleto de alegrias e bênçãos de Deus.

Que você colha muitas rosas de felicidade em seu Maravilhoso Dia, são os meus votos.

Continuo, graças a Deus, melhorando sempre.

O reajuste do corpo espiritual não é tão simples e tenho gasto tempo e esforço para fixar-me em meu novo modo de ser.

Estou grata por haverem realizado tanta distribuição de minhas modestas notícias.

Amigos que me lêem as palavras, endereçando-me pensamentos de fé e confiança, muito me beneficiam.

Querida Mãezinha Marlize, sinta-me associada a todas as manifestações de carinho de que será detentora no próximo Dia Treze. Peço para que não chore, ao recordar-me. Conforte outras mães e estaremos compensadas em nossas esperanças.

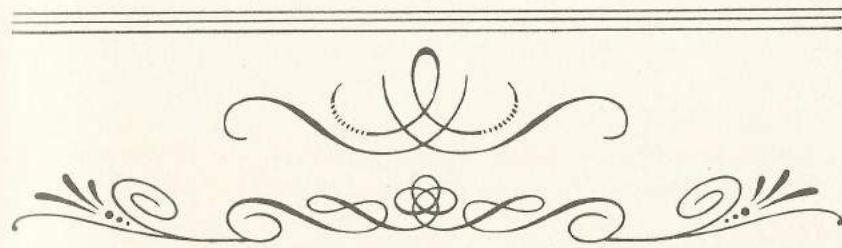
O tempo, com a Bênção de Deus, cura todas as chagas do espírito e com a passagem infatigável dos dias, vejo-me cada vez mais eu própria e, presentemente, procurando, com todas as minhas forças, colaborar em seu auxílio.

Mãezinha, vim até aqui com o meu avô e com o nosso Cassinho para saudá-la e, se não consegui fazer isso, conforme esperava, pode estar certa de que a sua filha fez o possível.

Muito carinho ao papai e aos irmãos sempre queridos.

E receba, querida Mãezinha, todo o amor da filhinha e companheira sempre ao seu lado,

ROSANA



Guel



Miguel Angelo Lapenna
Nascimento: 16.10.1958
Desencarnação: 4.2.1979

Pais:

Eurico Lapenna
Maria Aparecida Lapenna
Rua João Augusto de Moraes, 181 - São Miguel
São Paulo - SP

Pessoas e Fatos

Irmã: Maria Cristina Lapenna Colla.

Cunhado: Berico Vicente Colla.

Católico, de bom relacionamento no bairro em que residia, Miguel, com seus 20 janeiros, deixou muita saudade.

Apesar de sua juventude, sua admiração pelos mais idosos era um fato notável.

Extrovertido, procurava a alegria onde estivesse.

Como que pressentindo o seu momento de partir para a Vida Maior, em notas deixadas à pessoa de sua estima, destacamos: "Se eu estiver neste carnaval, nós vamos ficar juntos para sempre, e, se eu não estiver, para nunca mais..." Miguel desencarnou dias antes do carnaval.

Após 40 dias da desencarnação, volta Miguel com palavras amigas e esperançosas. Refere-se a familiares que se encontram no Plano Espiritual há 20 e 40 anos.

Marca ainda mais sua presença quando, no fim da carta psicografada, assina com o seu apelido "Guel".

Fato comovedor, imagem positiva, especialmente para os pais que lhe acalentaram a existência.

Tios: Joaquina Fernandez, desencarnada, tia avó materna.
Pedro Radosavelhevith, desencarnado, materno.
Amélia Silva, materna.

São Miguel, bairro na capital de São Paulo.

Querida Mãezinha e meu querido papai Eurico.

Ainda estou varando a neblina da manhã na qual acordei, após a noite que não sei medir, mas a tia Joaquina me trouxe com o intuito de tranqüilizá-los. Quase que posso dizer: "cheguei bem". Isso, no entanto, seria, passar da tranqüilidade para a vizinhança da ironia.

Por este motivo, participo-lhes que "cheguei amparado".

Tanta corrida e tanta pressa para abordar, assim de repente, a porta para a estrada da qual não se volta com a vestimenta do corpo.

Entretanto, não me queixo. No íntimo, conservava a idéia de que eu era um Miguel deslocado em São Miguel. Qualquer vento me carregaria. Fiz força para aclimatarme, mas não consegui. Namoradas e bons amigos, festas e estudos não me atraíram.

Um certo sentido de chamamento predominava em minhas idéias e, às vezes, raciocinava e raciocinava para descobrir se não era eu diferente dos outros.

O que sei é que, embora convalescente, no parque de tratamento e repouso a que fui conduzido, estou descortinando novos caminhos e novas inclinações para tentar o desconhecido... Isso porém, não me faz esquecer. O papai, a Mãezinha e a nossa Cristina, a tia Amélia presente e todos os nossos estão em minha agenda de lembranças e se me refiro ao assunto é só para comunicar-lhes esperança e vida.

Mãezinha, encontrei aqui o nosso Pedro, o admirável Pedro, que se me deu a conhecer como sendo jóia de nossa gente.

Momentos aparecem, nos quais a cabeça parece com sede de chão e a idéia de queda, ainda me assusta um tanto. Não tanto que me sinta amedrontado. Isso tudo é remanescente do atrito.

Engraçado! Os corpos da Terra, sejam eles de carne ou de ferro, entram em fase conflitante e destróem-se por si mesmos, entretanto, nós somos sempre os mesmos.

Nessa condição é que volto para dizer-lhes que espero regressar ao nosso convívio, a fim de lhes escrever com mais clareza.

A todos os meus ligas de São Miguel aquele abraço. Para a irmã e o cunhado muitas lembranças e, para o querido papai e para a querida Mãezinha, o coração reconhecido do filho que prossegue cada vez mais vivo e mais agradecido por tudo de bom e belo que a vida sempre nos deu, sempre o filho e companheiro de sempre,

GUEL _____

*Querida Mãezinha
e meu querido
Papai Eurico.*

*...participo-lhes
que "cheguei amparado".*

*A todos os meus ligas
de São Miguel,
aquele abraço.*

Oscarzinho



Oscar Cicuto Filho
Nascimento: 8.4.1951
Desencarnação: 7.6.1975

Pais:

Oscar Cicuto
Eunice Cicuto
Rua Gonçalves Ledo, 614
São Paulo - SP

Pessoas e Fatos

Irmãos: Gisela, Airton e Heitor Cicuto.

Avó: Helena Begalli Cicuto, paterna.

Antonio Sertório, cunhado de Oscar Cicuto.

Lar do Amor Cristão, Entidade Filantrópica de Amparo à Criança.

*O tempo, como valorizá-lo?
Como trazê-lo sob controle no trabalho edificante?
Nos momentos de acerto, despojado do corpo físico, o espírito vê-se na presença de sua própria realidade.
Percebe o lar bem formado, dos pais queridos e, na separação destaca o valor de seus mais nobres ideais.
Oscarzinho retrata com iluminado amor essa experiência.*

Amigos Espirituais: Pia Massini Maciel, Augusto Cezar, Waldo Galvão, Carmem Maciel Rodrigues da Cruz na ocasião muito doente, veio a desencarnar, Flamarion, Alzira.

Amigos da Família: Gerson Dias da Costa, Vera Lúcia, Acácia Maciel Cassanha, Lucy Maciel dos Santos, Rafael de Andrade.

Querida Mamãe, meu querido papai, meus irmãos e amigos. A oração foi o traço que me reuniu a todos, nos dias últimos do corpo, e, por isso, começo a escrever, pedindo a Deus para que nos abençoe.

Agradeço por todas as lembranças. Pais queridos, comove-me pensar quanto fizeram, preparando-se para o nosso reencontro. Não sei como expressar os sentimentos que me tocam a alma. Não posso dizer que conheci tarde a fé que nos religa uns aos outros. O lar foi minha escola. Os queridos irmãos Airton e Heitor sabem que os nossos pais queridos nos formaram o caráter para retirar o melhor da vida. Compreendo que não pude valorizar os recursos de que dispunha, desperdiçando talvez o tesouro de energias que recebera da Providência Divina.

Entretanto, as bênçãos do Céu jorram sobre nós de fontes inesgotáveis e, com o amparo de muitos benfeitores, vou retomando as reservas. A carência do que talvez despendi sem pensar ainda me assinala o caminho, mas, pouco a pouco vou me reerguendo para a renovação.

Muito grato, querida Mãe, por seus pensamentos em prece, endereçando a este seu filho a certeza de que o seu carinho com a dedicação de meu pai me envolviam tanto quanto me envolvem ainda hoje, no grande entendimento.

Estou bem e se não me encontro integralmente bem, é que a saudade, para onde somos trazidos, é um espinho oculto no coração. Ah! se pudesse voltar a recomêço. Falar de tudo o que sobrevive em nós quando supomos o corpo extinto, se conseguisse materializar os conceitos novos e proclamar as verdades novas para mim, seria o ideal que acalentaria, se semelhante realização fosse possível. Irmãos da alma, e aqui me expresso considerando todos os amigos de nossa faixa que não pude compreender, irmãos queridos, quanto puderem

prestigiem a vida e o convite de amor e paz a que fomos chamados. De certo, que não ouvi como seria de desejar o apelo que a realidade me fazia, ao lado de tantos corações amigos, no entanto, ao que me parece, o companheiro que sofre com a experiência e nas experiências de ontem e de hoje, é que poderá acrescentar mais substância às palavras. O caminho na Terra deve ser longo, tão longo quanto possível.

Caminho de proveito e trabalho, aprendizado e elevação.

Conservem o corpo com a dedicação de quem encontrou um tesouro e se dispõe a conserva-lo, através do uso equilibrado e eficiente.

Que nenhum de vocês, amigos queridos, procurem colher frutos nas flores ou flores nas sementes. A colheita da felicidade e da paz exige tempo próprio. Se lhes posso trazer algo de novo, ao ofertar meu reconhecimento aos queridos pais, a solicitação de zelo para com vocês mesmos, preservando-se para a edificação do bem verdadeiro, é a melhor homenagem do amigo reconhecido.

Mãe querida e meu querido pai, reassumo presentemente as tarefas interrompidas no sete de junho que já se foi. Meus avós me ampararam, com predominância de ternura e devotamento em minha avó Helena, mas o tio Antônio, tio pelo coração tem me proporcionado assistência paternal e, ainda agora, me propicia a força precisa ou o preciso acréscimo de forças a fim de escrever-lhes estas notícias.

Hospitalizado a princípio para tratamento natural de minhas faculdades espirituais, reinicio o trabalho no Lar do Amor Cristão. Dona Pia ainda me encontrou em posição de tutelado e o carinho no tratamento habitual continuou aqui. Já consigo desligar-me de pensamentos menos elevados e posso integrar equipes de serviço com o nosso irmão Augusto Cezar que se consagrou igualmente ao nosso Lar com extrema fidelidade aos compromissos.

No momento já desfruto o privilégio de me fixar mais

detidamente junto de companheiros amigos vinculados à assistência de nosso Grupo.

Os irmãos encarnados e desencarnados como sejam nossos amigos Gerson Dias da Costa e Waldo Galvão, Rafael Andrade e Vera Lúcia, representam para mim pontos importantes de minhas novas atividades, porquanto, eu que recebi tantos passes de reconforto de nossa irmã Acácia e de outros corações em nossa casa, devo agora colaborar no magnetismo curativo auxiliando como se me faça possível, a companheiros que se mostram doentes qual eu mesmo, quando aí na Terra.

Se nossa querida irmã Dona Pia não se acha aqui nesta hora, é que se encontra com a nossa irmã Carmen, na superação dos problemas em curso. Nosso Augusto, porém, está presente com outros amigos, incluindo o nosso amigo Flamarion que pede à nossa irmã Alzira confiança em Deus, ao mesmo tempo que lhe promete assistência na hipótese de qualquer tratamento cirúrgico para a pessoa mencionada.

O tio Antônio abraça a irmã Helena e aos familiares queridos aqui presentes. E, de minha parte, se pudesse prolongar-me ia nas notícias de agora, com mais amplitude. Devo, no entanto, aceitar a necessidade do ponto final. Penso que não tenho outra mensagem maior além daquela com que peço a todos os companheiros dedicação ao trabalho do bem. Recados daqui são muitos, entretanto, nossos Benfeitores da Vida Superior pedem a todos para que a oração em nós se faça o melhor canal de acesso uns aos outros.

Não estranhem se falo nisso agora, com tamanho calor, quando me vejo longe de nossa bendita seara de amor, mas esse longe é só no campo vibratório da matéria, porque pelos laços da alma prosseguimos juntos.

Queridos pais e meus queridos irmãos, se posso pedir algo, rogo para que me lembrem nos meus anseios de ter sido bom, tão bom quanto me cabia ser e não no abatimento em que me vi, sem forças para reaver todos os meus recursos perante a vida.

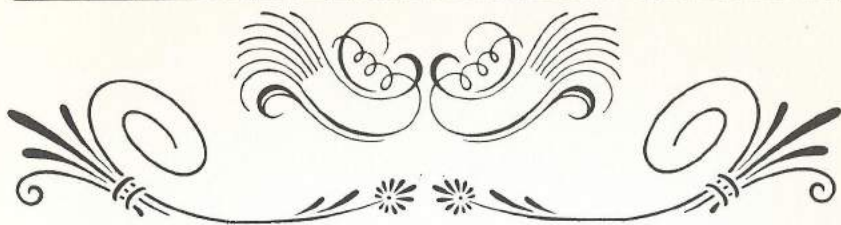
Ajudem-me com os pensamentos de esperança e fé.

Prometo, faço e farei o melhor de mim, de modo a ser mais útil.

Deus abençoará os meus novos propósitos. Agradeço a nossa Acácia, a nossa Lucy e a todas as irmãs benfeitoras e a todos os amigos de nosso grupo. E recebam, querida Mãezinha e querido papai, com os irmãos presentes, o coração muito confiante e plenamente renovado do filho reconhecido e irmão muito grato.

De seu sempre

OSCARZINHO _____



... irmãos queridos,

*quanto puderem
prestigiem a vida*

*e o convite de
amor e paz*

a que fomos chamados...

João Carlos



João Carlos Frederico Coelho
Nascimento: 4.12.1963
Desencarnação: 12.05.1978

Pais:

João Coelho
Itália Frederico Coelho
Rua dos Campineiros, 814
São Paulo - SP

Pessoas e Fatos

Irmã: Maraisa M. C. Ribeiro

Cunhado: Elzo Ribeiro

Avô: Manoel Coelho, paterno, desencarnado.

Bisavô: João Frederico, materno, desencarnado.

Quem não passa pelo crivo da dor da desencarnação de um familiar pode supor que as mensagens são aceitas pela emoção de quem as recebe, unicamente.

Como podemos negar a evidência da emoção, se não a entendermos como parte dessa verdade que agita todo o nosso ser?

Um rapaz, na plenitude de seus 14 anos, desprezar uma festa no recanto de EMBU, a fim de acompanhar um familiar amigo até Aparecida do Norte em resgate a uma promessa, é de se pensar.

Esclarecimento prestado por sua mãe:

"Na igreja em Aparecida do Norte, aproximadamente às 12 horas, o padre benzia os objetos sagrados, enquanto João Carlos continha-se em suas orações à Nossa Mãe Santíssima. Mal podia supor que naquele momento receberia em sua cabeça uma telha tipo paulistinha, atirada de alta plataforma por um garoto que se dizia perdido. A igreja estava em construção.

Caso constrangedor, mas a presença de João Carlos, serenou o ambiente doméstico, hoje não só tangido pela saudade, mas também enriquecido de esperança."

José Ribeiro, sogro de Maraisa que estivera no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, localizado na cidade de Aparecida do Norte - SP.

Querida Mãezinha Itália, querido papai, peço para que me abençoem.

Venho até aqui com meu avô Manoel para trazer notícias.

Se não fosse a saudade tudo estaria bem, mas, dizem aqui que a saudade para quem alimenta a fé em Deus deve ser esperança.

Sei que desejavam saber alguma novidade a meu respeito, mas, antes do que me aconteceu, só me lembro do sábado, dia 6, quando me preparava com muita alegria para cumprir meus votos no Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Lembro-me de que estava em oração ao lado do nosso amigo senhor José, quando senti uma pancada na cabeça. Não pude me sustentar de pé, recordo que me carregaram para um hospital e guardo de memória um peso, de muita dor na cabeça. Mais nada, senão que dormi, graças a Deus, pensando nas orações.

Acordei num lugar de muito repouso e dois amigos me disseram ser o vovô Manoel e o meu bisavô Frederico.

Eu estava na posição de um doente anestesiado, até que aos poucos fui reconhecendo a vida nova em que me achava.

As lágrimas da Mãezinha caíram sobre o meu coração de modo para mim inexplicável e ouvia as pessoas, muitas pessoas de nossas amizades perguntando porque fora eu acidentado com um corpo estranho na cabeça, quando fazia preces para Nossa Mãe dos Céus. Não somente meu avô Manoel, mas outros amigos me esclareceram que eu não encontraria um lugar melhor para sofrer a prova, além daquele em que me punha sob a proteção de Deus, que os mensageiros de Nossa Mãe Santíssima não me abandonaram e nos tempos últimos me fizeram saber que até a imagem venerável sofrera pedradas, como que a responder aos cristãos que Nossa Mãe Celeste, ferida no símbolo de sua proteção para nós, permitia a si mesma

suportar desacatos, na figura em que seu nome deve ser respeitado, como a esclarecer-nos que ela também sabe sofrer com os seus filhos, que somos nós, os atentados daqueles que ainda não conhecem Jesus.

Mãezinha, peço-lhe coragem e fé, pedido igual que faço a meu pai, a fim de estarmos tranquilos em nossa confiança.

Estou quase bem e se não estou bem de todo é pela falta que sinto de nossa união em casa, mas lembremos que o Elzo e a Maraisa precisam de nossa alegria e fiquemos contentes, na certeza de que a bondade de Deus nos oferece sempre o melhor.

Agradeço a todos os que me auxiliaram.

Somente aqui é que eu soube que não foi uma pedra que me atiraram e sim uma telha, que de certo veio das mãos de alguém que auxiliava as Leis de Deus a se cumprirem, pelo menos é o que o meu bisavô Frederico me ensina a reconhecer.

Agradeço as orações, as flores, as bênçãos, as palavras de amor que tenho recebido e peço-lhes para não deixarem a fé que sempre tivemos. Não me alongo a escrever, porque minhas forças não dão mais.

Sou um menino convalescendo, depois de um tratamento que, segundo penso, ainda demorará, mas os amigos aqui me disseram que Mãezinha precisava de minhas notícias, a fim de não querer vir para cá ao meu encontro, não por suicídio, porque a nossa fé não comporta isso, mas pela ansiedade do nosso reencontro.

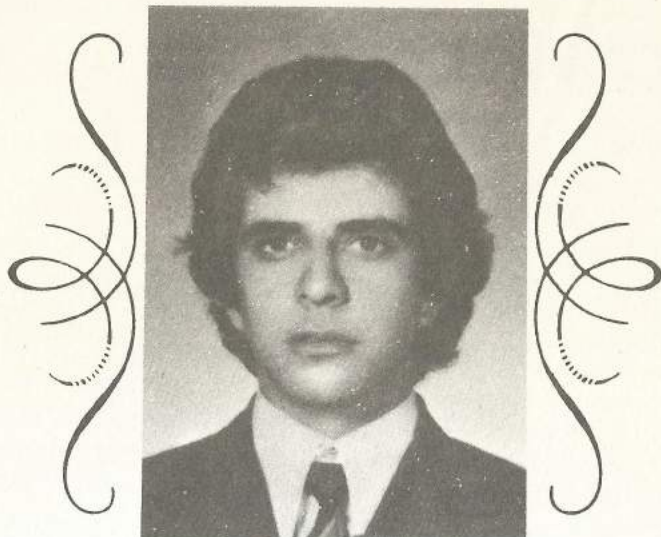
Pais queridos abençoem-me, é o que lhes peço mais uma vez. E peço ainda para que esqueçam e desculpem as mãos que, sem qualquer impulso intencional, me alcançaram.

Estejamos com Deus, tanto quanto Deus está conosco.

Muitas lembranças para os irmãos queridos Maraisa e Elzo e para os dois um beijo de respeitoso amor do filho reconhecido.

JOÃO CARLOS FREDERICO COELHO_____

Marco Antonio



Marco Antonio Peres Fernandes
Nascimento: 18.9.1954
Desencarnação: 6.6.1976

Pais:

José Peres Fernandes
Lourdes Ribeiro Fernandes
Rua Cássio de Almeida, 304 - Vila Guilherme
São Paulo - SP

Pessoas e Fatos

Irmão: Carmem Peres Fernandes Rodrigues
Avó: Ana Fernandes, paterna, desencarnada
Avô: Irmão Ribeiro - João Ribeiro, materno
Tio Manoel - Manoel Fernandes, paterno.
Sobrinho: Serginho - Sergio Peres Fernandes.

Ao se falar de um filho, de desejos, de sonhos acalentados, estamos unindo-os a único sentimento, o Amor.

Em Lourdes Ribeiro Fernandes, mãe, revivescia o quadro da morte de que seu filho fora vítima, refletindo como teriam sido os primeiros socorros médicos.

Marco Antonio trouxe-lhe o esclarecimento:

*"Notei que as mãos do médico pousaram sobre minha cabeça e, para defendê-lo, posso dizer-lhes que guardei de memória o que falou em voz alta:
Meu Deus, disse ele. — tantas vidas jovens desaparecendo. Este garoto poderia ser para mim um irmão ou um filho..."*

Lourdes Ribeiro voltou a Ubatuba-Caraguatatuba e confirmou a veracidade da notícia e a confirmação de semelhantes palavras.

Querida mamãe, meu querido pai, queridos irmãos, devo lembrar a paternidade divina e pedir a Deus que nos abençoe.

Mãezinha Lourdes, não sei bem como expressar a emoção no papel. A emoção que me possui de improviso. Somente agora, vejo que escrever é como transmitir o que vai por dentro de nós, principalmente, quando fazemos isso de uma vida para outra. Nunca pensei que me veria aqui, numa experiência dessas. É o tio Manoel que me auxilia desde as primeiras horas em que readquiri a consciência de mim mesmo, ampara o meu pensamento e a minha mão, para que eu me manifeste no mínimo de tempo. Sou assim impelido a escrever de corrida, eu que estimava pensar muito, antes de fazer quaisquer anotações.

Mas a carta de um filho abraçando os pais queridos não é uma página da imprensa. É o coração que se estampa nas linhas que se sucedem umas às outras, à feição de nossos confidentes para falarem de minha vida nova. Não lhes posso dizer que sofro, embora a falta de casa ainda seja em mim um problema a resolver.

Tenho, entretanto, a companhia do tio Manoel, do irmão Ribeiro que andou em nossa família envergando a posição de parente da mamãe e a vovó Ana, que me ajudam como se eu fosse ainda uma criança. Ao lado de outros amigos, eles me recomendam solicitar à Mãezinha para que não chore mais assim, com tanto fel no sentimento, e nem incrimine os médicos de Caraguatatuba, que me socorreram carinhosamente.

Mamãe, quero dizer à senhora e ao papai que o vento naquele dia, 6 de junho, era de um poder fulminante; tentei frear a máquina ou acomodá-la em outro sítio, mas a força do furacão era dessas que arrancam árvores centenárias pela raiz. Seguiu calmo pela estrada de Ubatuba, pensando em distração nas férias, quando a calamidade desabou. Parecia que eu e a máquina

estávamos sendo sugados por um vulcão aéreo.

Seria impossível sobreviver no corpo, de vez que senti a cabeça quase a quebrar-se. Não dormi, nem desmaiei de arranco, pois fiquei como que paralisado na forma física, sem conseguir movimentar um dedo. Nada via, mas ouvia todos os rumores em derredor de mim. Meu cérebro, ainda verde, se recusava a entregar-se; no íntimo, eu rezava e pedia a Deus que me desse vida para chegar em nossa casa e tratar-me como se fazia preciso.

Nessa situação, percebi que me transportavam para lugar desconhecido, de vez que meus olhos se haviam apagado. Não sei quantas pessoas me atenderam, porque aquele não era um momento em que meu raciocínio quisesse pesquisar isso ou aquilo e, sim, um minuto de aflição em que agradeceria qualquer socorro, viesse donde viesse.

Notei que as mãos do médico pousaram sobre minha cabeça e, para defendê-lo, posso dizer-lhes que guardei de memória o que ele falou em voz alta: - Meu Deus — disse ele — tantas vidas jovens desaparecendo. Este garoto poderia ser para mim um irmão ou um filho...

Não me lembro de outras frases porque minha cabeça estava inerte e dolorida e meu impulso se dirigia para o socorro que ansiava por receber.

Acontece, Mãezinha, que outras mãos me afagaram e um sono profundo me tomou todas as energias. Era um pesadelo em que me via regressando para casa, a ouvir-lhe os gritos de dor. Tudo me parecia nebuloso, incompreensível. Assim estive por muito tempo.

Imaginem a senhora e meu pai, que ainda esperei pela vinda da vovó Ana para despertar. Ela veio depois, mas em condições diferentes. Vivera a existência das mães abençoadas pelo trabalho e pela renúncia no lar e não teve qualquer dificuldade para retomar-se aqui.

O trauma que sofri foi bastante longo, não sei precisar de quantos meses. Ainda me vejo na posição de um convalescente que muito pouco a pouco se refaz no domínio das próprias forças. Quando acordei totalmente, vendo a vovó Ana ao meu lado, respirei com alívio.

Acreditei que voltara ao nosso ambiente e chamei por vocês todos.

Minha avó, que me foi também mãe pelo coração, me comunicou que estivera muito saudosa e viera ver-me. Os amigos e parentes nossos procuraram dosar a verdade para que eu não caísse outra vez em nova perturbação. Muito devagar, ela contou-me que estávamos em outras faixas da vida. Comecei a chorar e bastou que a dor me acudisse ao pensamento para ver a senhora, Mamãe, chamando por mim, para escutar a Carmem, para registrar o que diziam meu pai e meus irmãos.

Eu não queria morrer e, por isso, contrariava-me a realidade que me buscava. Mas isso foi só no princípio, porque logo após, comecei a recordar que a senhora nos ensinava em casa a confiar em Deus e procurei renovar-me na oração.

Mamãe, a saudade, porém, é tão grande que não sei explicar. Entretanto, embora saudoso, venho pedir a sua paz, a fim de que me tranqüilize.

Mãezinha, veja como precisamos de você em casa: olhe o Serginhô, necessitando de sua proteção e do seu amor. Não chore mais, a ponto de adoecer por minha causa. A senhora e papai sabem que eu era aí um rapaz que amava o dever bem cumprindo. Também eu pensava que me casaria mais tarde, que haveria de ter um lar em que meus pais descansassem, assim como me haviam doado tanto carinho e tanto repouso em criança. Mas as leis de Deus funcionam acima de nós. Se aquele vento deveria arrebatá-me à estrada e arrasar comigo, isso tem sua razão de ser. Ainda não tenho crânio para penetrar nesse assunto do passado, porque tudo em mim se restaura muito lentamente; mas já sei o bastante para não reclamar.

Rogo-lhe orar por nós todos, incluindo-me em suas preces. À medida que o seu pensamento se desanuvie, o meu igualmente melhorará. Os filhos aqui não se desvinculam tão depressa dos pais que amam. Parece-me que um laço, numa espécie de cordão, me liga ainda ao seu coração, como nos tempos de meninice quando a

buscava para deslanchar-me de qualquer susto.

Sei que o papai tem sofrido muito, mas faz-se de forte para não aumentar a nossa fraqueza. Pois hoje, Mãezinha, venho pedir-lhe calma e aceitação das leis de Deus.

Não conserve mágoas de ninguém. Não houve culpa em pessoa alguma no caso de seu filho.

Pense nos médicos de Caraguá, abençoando a todos. Ore por eles Mamãe, para que Deus os recompense pelo bem que me fizeram. E ajude-me com lembranças iluminadas de fé.

Não permita que as lágrimas lhe venham aos olhos, senão para agradecer a Deus as bênçãos que temos recebido.

Um abraço ao Sérgio e a todos de casa. Não posso prolongar a escrita, porque o tio Manoel me diz que o nosso horário está esgotado.

Papai, querida mamãe, perdoem-me se ainda não lhes posso falar com mais calor e alegria.

Por enquanto, saibam que se choram eu não consigo fazer outra coisa. Vamos refletir nos outros rapazes que perdem o corpo sem carro, naqueles outros que estão doentes e aceitam o desafio da noite, com febre, nas calçadas, nos que fugiram de casa e foram colhidos pelos tóxicos que os enlouquecem, nos que desejam estudar e estão escravizados à penúria e naqueles muitos que acordam de manhã buscando o serviço pesado com o estômago vazio. Aliviar as necessidades e sofrimentos dos outros, será descarregar pesados fardos que ainda trazemos.

Papai e mamãe, a todos os nossos corações queridos, num abraço do coração, ao mesmo tempo que lhes peço receberem todo o carinho e toda a gratidão do filho que pede a Deus recompensá-los por toda a proteção que me dispensaram e por todo o amor com que me sustentaram a vida, sempre o filho reconhecido, que lhes pede a bênção e lhes beija as mãos, misturando o amor e a saudade, nesse mesmo beijo de alegria e esperança, carinho e agradecimento,

Rosângela

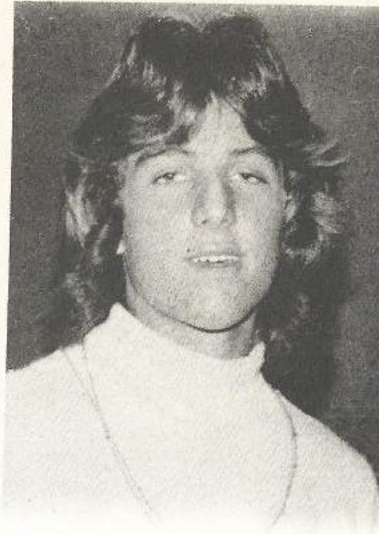


Rosângela Silvério Leite
Nascimento: 5.9.1957
Desencarnação: 17.7.1975

Pais:

Paulo Ferreira Leite
Maria Aparecida Silvério Leite
Rua Tenente Blum, 23 - Jardim São Paulo
São Paulo - SP

Paulo Cesar



Paulo Cesar Silvério Leite
Nascimento: 24.6.1955
Desencarnação: 26.3.1976

Pessoas e Fatos

Avô: José Ferreira Leite, paterno

Bisavô: Silvério, materno.

○ Cônego Francisco de Paula Vitor, nasceu em Campanha em 12.4.1827, desencarnou em 23.9.1905. Foi Pároco durante 53 anos em Três Pontas, Minas Gerais, onde nasceu Rosângela, conhecido pelos jovens desencarnados apenas por fotografia.

O que dizer aos pais, que no espaço de 8 meses se vêem despojados de seus dois únicos filhos?

Rosângela, 18, e Paulo Cesar, 20 anos.

Não há muito o que dizer. Pede-se a Deus que lhes dê as forças necessárias. E o socorro chega. Rosângela e Paulo Cesar puderam vir consolar os progenitores. As doces palavras lhes ressoaram nos corações ansiosos.

A esperança e a fé no porvir, a alegria e a paz voltaram aos pais queridos que se definem nestas expressões:

"Perdemos dois filhos na matéria e ganhamos dois seareiros de Jesus. Mostraram-nos em suas mensagens a verdade que confirma, consola e revigora-nos para enfrentarmos com resignação e paciência o tempo que ainda nos resta."

Uma vez mais, a lei do amor ensinada por Jesus e alicerçada na fé, remove as montanhas de angústia que o sofrimento nos impõe.

Luiz Ferreira Leite, tio paterno, desencarnado.

Hospital das Clínicas de São Paulo, onde Rosângela fora medicada.

Dr. Augusto Silva, amigo de seus avós paternos.

Carmem Campos Leite, esposa de Paulo Cesar.

Maria, tia de sua mãe.

Minha querida mãezinha e meu querido papai, peço para que me abençoem.

Não me vejo preparada para falar com segurança, mas, os pensamentos de vocês nos chamam com tantas lágrimas que fui trazida por meu tio Luiz e por meu bisavô Silvério para dar as notícias.

Mãezinha, não chore mais com tanta aflição a lhe ensombrar o caminho.

Sabemos que a morte ainda reclamará muito tempo para ser compreendida e aceita, mas, graças a Deus, vocês procuraram o melhor caminho para o nosso reencontro.

A princípio sofri muito. Os últimos dias nas clínicas, depois do choque do carro no Morumbi, foram difíceis, porque, embora não estivesse a me comunicar com facilidade em vista dos estragos que trazia, sofri bastante. Mas, ainda tive tempo de orar muito e pedir a Deus, em silêncio, nos auxiliasse.

Quando vi que o corpo não reagia mesmo, roguei a Jesus me fizesse descansar e as mãos da Vida Superior me atenderam retirando-me do VESTIDO FÍSICO, já quase sem vida para viver a verdadeira vida.

Mãezinha, você e Papai sabem o que vem a ser deixar tudo quando tudo esperamos, partindo sem opção para lugares que não se conhece? Tudo quanto era sonho e esperança em mim estava massacrado. Eu não sei onde a dor me feria mais, se no corpo ou se na alma expulsa do habitual para uma situação que me parecia aventura ou extinção de tudo o que vem a ser nós mesmos.

Pensei em vocês e em nosso Paulo Cesar e chorei com imensa amargura, mal sabendo que o irmão querido viria também, logo depois. Vi-me no último dia, creio que a dezessete de julho, há mais de dois anos passados, carregada de um estabelecimento para outro. Julguei que voltava para casa e acomodei-me como pude. Dormi compreendendo que anestésicos me haviam sido

ministrados por médicos que não conhecia, mas despertei com as preces e lágrimas de mamãe e do papai, do irmão e dos outros amigos, supondo estivesse de regresso do nosso pouso doméstico, entretanto, estava um sacerdote amigo ao meu lado. Conhecia-o por retratos. Era um padre moreno e de cabelos prateados que me falava como se fosse meu pai. Explicou-me a verdadeira situação. Chorei, mas chorei muito. Era o Padre Vitor, Francisco de Paula Vitor a me falar de parentes amigos que me ajudaram. Depois apresentou-me o tio Luiz e o Vovô Silvério que me abençoavam com alegria.

Mamãe, este foi o meu grande momento, porque compreendi que cabia apurar-me para ser útil. A senhora estava triste, desejando morrer, mas lutamos com todas as forças nos dias possíveis para extrair do seu cérebro o estranho desejo e, amparando o papai que se via esmagado de sofrimento, conseguimos que a senhora vivesse.

Soube depois que o Paulo Cesar deveria, igualmente, vir para cá e alarmei-me. Não pude, porém, retirá-lo da prova necessária. Fiz muita força para encorajar-me e quando o irmão foi vítima da moto que comandava, escorei a senhora por todas as maneiras para que não desejasse forçar o caminho para cá. Sei, sim, tudo o que sofreram com a nossa ausência, mas, creiam que o nosso Paulo Cesar também está melhorando.

Soube que o nosso protetor Dr. Bezerra lhes dera a saber que apenas mais tarde poderia eu trazer-lhes notícias. Isso, porém, acontece porque tenho estado mais perto do irmão, ajudando-o a suportar os resultados da ocorrência. Paulo Cesar deixou diversos assuntos que o preocupavam e aquele choque da moto lhe criou muitos problemas que não cheguei a conhecer. Peço-lhes paciência.

Estamos amparados com segurança. O que há conosco é somente saudade, mas saudade está em qualquer pessoa e em toda parte. Mesmo aí na Terra, quando a gente cresce tem saudades da infância, quando amadurecidos na idade física, sentimos falta das forças da

mocidade. E, por isso mesmo, há choro e carência de afeto nas regiões mais felizes daqui, porque ninguém está feliz sem aqueles que ama. Vocês podem observar isso, com vocês mesmos. Mas, precisamos tolerar as dificuldades e fortalecer as fibras da alma para explicarmos o reencontro com o mérito do serviço.

Tenho visitado o meu avô José Ferreira Leite, que veio recentemente para cá e ainda sofre muito com a inadaptação. Mas tudo vai melhorar.

O nosso amigo Padre Vitor tem orientado as minhas atividades novas, que se ampliaram muito, após o regresso de Paulo Cesar para cá, deixando a família.

Insisti quanto pude para escrever a você, para falar, porque preciso vê-los mais tranqüilos.

Agradeço em meu nome e em nome do meu irmão as orações que fazem por nós e as lágrimas com que nos dão notícias de nossa dor recíproca, à distância uns dos outros. Mas o Paulo Cesar e eu tínhamos tempo estreito na Terra. Foi só uma complementação de tempo. Por isso é que viemos cedo, mas não estamos inertes.

Papai, o senhor esteja sereno e valoroso como sempre. Não acredite que alguém tivesse culpa no acidente. Estamos todos muito bem comportados, digo estávamos todos muito bem comportados. Não havia qualquer deslize de nossa parte. Quando aconteceu o que sucedeu comigo, as circunstâncias, digo suposições se espalham em versões diversas. Fiquemos com a verdadeira.

Tínhamos necessidade de passar pelo que passamos e com o tempo o senhor verá que a paz estará novamente conosco, porque temos muito serviço a fazer.

Você e mamãe perderam dois filhos na face do Mundo concreto, mas existem centenas e milhares de filhos alheios rogando socorro e auxílio.

Larguemos o casulo da dor para irmos ao encontro das dores alheias, diminuindo-as até que desapareçam, auxiliando em benefício dos outros é que os outros se voltam para nós, auxiliando-nos em nome de Deus.

Mais uma vez, rogo-lhes paz e coragem. Tudo está ficando cor-de-rosa no Céu de nossas vidas. As nuvens

despejaram cataratas de pranto sobre nós, mas o céu de nossa esperança em Deus está plenamente Azul. Aqui estou eu, Rosângela, consolada, aguardando tempos novos para nós todos.

Peço para que nos lembrem, a mim e ao Paulinho, com fé em Jesus, na certeza de que não estamos mortos e sim transformados por fora, mas sendo sempre os mesmos por dentro.

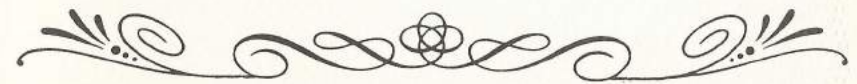
Agradeço as criaturas boas reunidas aqui, de pensamentos entrelaçados, garantindo-nos um ambiente fraterno de segurança e paz, a fim de que eu pudesse escrever.

Perdoem se não posso fazer mais ou melhor. Creiam, porém, que estou envolvendo o lápis com as vibrações mais íntimas do meu coração de filha para buscá-los à confiança maior em Deus.

Papai e mãezinha querida, recebam vocês dois o coração repartido em dois pedaços iguais, da filha sempre grata e sempre unida à nossa felicidade de pertencer-nos uns aos outros.

Um beijo carinhoso da filha agradecida e que constantemente pede a Deus para que nos fortaleça e nos abençoe,

ROSÂNGELA _____



Estamos amparados com segurança.

*O que há conosco é somente saudade, mas saudade
está em qualquer pessoa e em toda parte.*

*Mesmo aí na Terra, quando a gente cresce tem
saudades da infância...*



Mãezinha querida, meu pai, estou aqui, recomeçando a ser criança no anseio de receber-lhes a bênção.

Tudo mudado exteriormente. Mocidade alterada num momento. Planos de futuro sob transformação violenta. Nossa casa terrestre distante. Tudo renovado, independentemente de minha vontade. Bastou um choque de moto contra algum corpo diferente e a transferência de tudo.

Mãezinha, a nossa Rosângela me trouxe para falar-lhes, a você e a meu pai, que não há motivo para aflições. Perdoem-me aquela vida em que a pressa me marcava em todos os pontos de comportamento. Compreendia os conselhos recebidos. "Meu filho, para todos os empreendimentos, há tempo adequado"; "precisamos que você fique conosco por mais tempo", "convém ponderar", "tudo o que é bom deve amadurecer para ser aproveitado com segurança" - tantas observações ouvi de ambos, no entanto, guardava a idéia que meu tempo na Terra seria excessivamente estreito e desposei nossa Carmen, quando poderia ter esperado um tanto mais... e aguardar uma criança era meu sonho... Mas as Leis da Vida determinavam medidas diferentes. Vim para cá de modo tão brusco, que não acreditei na mudança, depois que nossa Rosângela me comunicou sorrindo que nós ambos não havíamos recebido grande saldo de tempo na Terra, entre vocês dois, nossos dois grandes amores.

Papai, muito obrigado por sua aprovação de amigo aos meus desejos.

Mamãe, muito obrigado por sua resignação. Conheço o que Rosângela lhes escreveu e não necessito dizer que a adaptação à Vida Espiritual, quando se quer tanto viver e realizar, é muito difícil. A princípio, a rebeldia me dominou. Fui tratado carinhosamente por um médico que se afirmou amigo de meus avós, de nome Dr. Augusto Silva. Creio que ele veio em meu socorro atendendo à solicitação do

Padre Victor que me amparou, qual sucedeu com Rosângela. O meu bisavô Silvério, a tia Maria e outras criaturas santas das quais me fiz devedor insolúvel me auxiliaram muitíssimo. Compreensivelmente era natural que me voltasse em minhas inquietações para a familinha que eu formara, mas, gradativamente, a serenidade me recompôs as energias.

Não tenho razões senão para agradecer aos que se uniram às nossas vidas e peço à Mamãe Aparecida me auxilie com a sua calma e com a sua fé. Mãezinha, todos estamos contratados - assim me parece - para executar determinadas tarefas em nosso próprio benefício. E cada tarefa bem cumprida é mais um degrau de experiência de que necessitávamos. Penso, Mamãe, que a maturidade está chegando para seu filho. Não posso reclamar aquilo que me escapa à possibilidade de auxiliar. A companheira que ficou é uma excelente menina. Correta e digna. Inteligente e prestimosa. Mas não nasceu em nossa casa e, por isso mesmo, se posso pedir-lhe isso, rogo-lhe abençoa-la por filha espiritual. A senhora e meu pai encontraram um mundo novo e nesse novo mundo estamos em contato com muita gente boa que nos reconforta e esclarece.

Creiam, a senhora e meu pai, que Rosângela caminhou muito à frente de mim e pode, por isso, instruir-me para que eu não venha a incidir em erros que devo claramente evitar. Fui esposo e pai, hoje sou irmão. **Poucas palavras encerrando tantos ensinamentos.** Investir-me no título de irmão agora tem sido a minha preocupação, pois preciso ajudar desinteressadamente. Sei que a vida no mundo físico é trabalhada por necessidades inevitáveis. Não podemos considerar as pessoas como sendo criaturas espirituais, propriamente consideradas. Aí é que está o problema. Esse momento, ao que imagino, chega para toda gente que vem esbarrar aqui. É fácil deixar teres e haveres, mas renunciar às afeições é muito difícil porque um instinto de posse rege no mundo as nossas ligações. Mas console-nos uma certeza. A senhora, meu pai e eu não sofremos alteração alguma. Continuo sendo

para vocês o filho de sempre e vocês os pais de que nunca me separei.

Penso que isso lhes fornece algum sinal do amadurecimento espiritual que vou adquirindo, aprendendo a ceder e compreender, auxiliando e amando sempre.

Agora, decorrido mais tempo sobre a minha vinda, noto que o equilíbrio se me refaz e estou quase perfeitamente bem, se isso fosse possível entre os que se amam quando estão relativamente distanciados uns dos outros.

Nossa Rosângela está aqui comigo, amparando-me na condução do lápis que deve expressar-nos os pensamentos de corrida e outros amigos me oferecem o melhor de que dispõem.

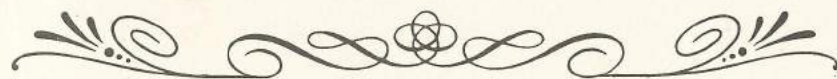
Estou pronto para as novas tarefas a que seja chamado e quando quiserem me honrar com qualquer ocupação, lembrem-se do filho que tanto recebeu sem retribuir.

Relutei em grafar estas notícias, já que a nossa Rosângela dera as novidades a nosso respeito, entretanto, a irmãzinha insistiu, mostrando-me o estado de angústia da Mamãe que, com o tempo, parece mais doente de saudade.

Querida Mãezinha, estamos no melhor campo de atividades curativas que poderíamos receber. Aqui e aí, o serviço ao próximo é o nosso melhor currículo de lições. Tentando diminuir o peso dos fardos alheios ou mesmo suprimindo essas cargas que dobram tantos ombros escalavrados de sofrimento no mundo, estaremos aliviando e restaurando a nós mesmos. Perdôe, Mãezinha, se me reporto a isso. A beneficência sempre iluminou as suas mãos, no entanto, a dor costuma esvaziar-nos de pensamentos inquietantes para que idéias renovadoras nos beneficiem.

Nossa querida Rosa de casa deixa-lhes o perfume de sua bondade e, acreditando haver trazido minhas notícias sem qualquer interferência nos assuntos que já não mais me dizem respeito, deixo-lhe, Mãezinha, tanto quanto ao papai, o coração reconhecido de seu filho,

PAULO CÉSAR _____



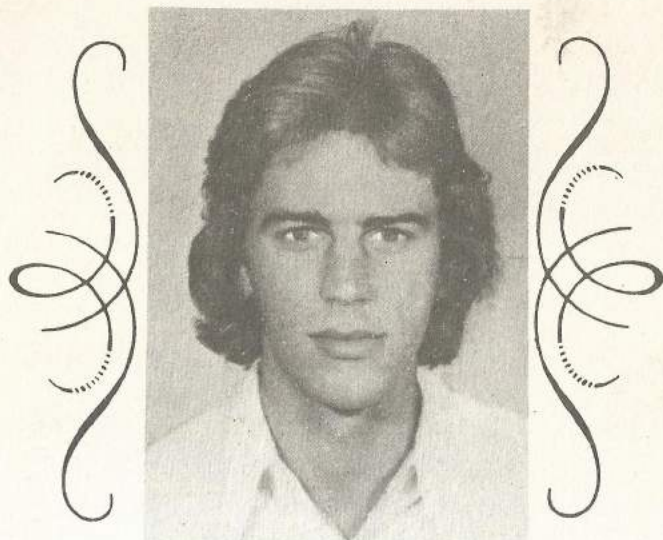
Querida Mãezinha,

*estamos no melhor
campo de atividades
curativas
que poderíamos receber.*

*Aqui e aí,
o serviço ao próximo
é o nosso melhor
currículo de lições.*



Paulinho



Paulo Sérgio Basile

Nascimento: 18.4.1957

Desencarnação: 6.1.1978

Pais:

Paulo Mário Basile

Nilda Sialarello Basile

Rua Dom Duarte Leopoldo, 540

São Paulo - SP.

A reminiscência impôs-se a Paulo Sergio Basile e fê-lo reconhecer-se no estágio das provas em que o passado lhe confinou o espírito nobre.

A tela da memória mostra-lhe a época a que remontam esses compromissos e, emoldurado de esperanças, pouco a pouco recupera-se. Entrega-se a padrões novos e consciente, bendiz as próprias lutas.

No resgate do seu débito, o jovem desencarnado é esclarecido pelos Mentores, declinados e destacados em seus vínculos com as tradições e com a fundação da cidade de São Pedro.

Pessoas e Fatos

Irmã: Lilian Basile

Capitão Veríssimo Prado, chegou a São Pedro, lá por 1875, durante muitos anos militou na polícia; foi o primeiro presidente da Câmara Municipal, e uma das principais ruas da cidade recebeu seu nome.

Antônio Teixeira de Barros, sobrinho do fundador de São Pedro; Joaquim Teixeira de Barros.

Gabriela Maria de Jesus (Nhá Bela), viúva de Joaquim Pedroso de Queiróz; a primeira pensão de São Pedro era de sua propriedade.

Querido papai, querida mãezinha Nilda e minha querida Lilian; peço a Deus nos envolva em Sua Bênção.

O tempo se desdobra incessantemente e o amor sempre evidencia a necessidade de parar por alguns momentos, na trilha das horas para reconsiderar os assuntos do coração.

Entendo a extensão da noite que avança com o trabalho exaustivo para os companheiros que nos assistem, no entanto, pedi vez aos nossos mentores a fim de agradecer aos meus queridos do Lar, quanto fazem por minha felicidade, distribuindo alegria e paz em minha memória.

Reconheço com que carinho a mamãe Nilda se dedica ao serviço, especialmente no apoio aos pequeninos, lembrando-me a presença de filho que lhe cresceu nos braços. Entretanto, querido Papai, desejo nesta noite agradecer à querida Lilian por ter vindo.

Querida irmã, estou feliz ao tê-la junto de nós, nestas vésperas de Natal e, em nome das nossas alegrias, desejo que o seu coração querido e fraterno me receba no íntimo com a certeza da sobrevivência do irmão que não morreu.

Lilian querida, por vezes, noto-a preocupada com as atenções condensadas de nossa querida mãezinha a meu respeito, no entanto, rogo-lhe tranquilizar-se. Creia, posso tão pouco ainda, mas, quanto se me faça possível, trabalharei por sua felicidade e quero a sua bênção, a bênção de sua paz com respeito à minha presença espiritual em nossa casa e juntamente dos nossos. A mãezinha e o papai se dividem por nós ambos com igual amor e pode acreditar que com meu voto a Deus por sua felicidade, formo em casa a maioria, por sermos então três corações centralizados no propósito de vê-la sempre feliz.

Creia em seu irmão e queira-me com aquela afeição

sempre nossa - laço de luz que sempre nos reuniu uns aos outros, para a vida.

Peço a você, ainda, auxiliar-me para que o papai e mamãe não voltem à nossa casa antiga por enquanto. As recordações negativas ainda estão em toda a paisagem e observo que os nossos pais queridos não se reconhecem com forças bastante para implantar o presente na moldura do passado, de vez que as nossas lágrimas foram muitas. Pouco a pouco, estamos readquirindo a fortaleza indispensável para que nos habituemos aos padrões psicológicos, da atualidade sem que as sombras dos dias que se foram não interfiram com os momentos atuais de nossas esperanças.

Mais tarde, os pais queridos saberão tanto quanto eu, os motivos da ocorrência brutal que me retirou do corpo físico em São Pedro. Por agora, meu pai, não nos seria aconselhável penetrar nos arquivos em que se nos guardam as reminiscências mais profundas, entretanto, posso dizer ao seu carinho e à bondade da mamãe Nilda que os acontecimentos que determinaram a minha desencarnação violenta, chegam de longe.

Pude rever São Pedro, quando a cidade começava num conjunto singelo de sítios em torno da capela que tutelava a fé viva dos moradores.

Picadão era o nome da paisagem colorida e tranqüila, a se fazer caminho para Rio Claro e Piracicaba e, ainda agora, pude encontrar amigos de outro tempo, dos quais destaco o amigo Joaquim Pedroso de Queiroz, a irmã Gabriela Maria de Jesus, o amigo Antônio Teixeira de Barros e o benfeitor Veríssimo Prado que não se imobilizaram no tempo e são hoje mentores que conseguiram conscientizar-me, quanto aos débitos que resgatei.

Digo isso apenas a fim de que não mais me lamentem a prova, porque a prova foi justa, dando-me saber que Deus unicamente nos concede o melhor que sejamos capazes de receber.

Mãezinha Nilda perdoe-me se me alonguei tanto nas considerações em torno do assunto.

É que desejo entregar ao papai elementos sólidos de raciocínio para que ele saiba que o filho a quem ele ama com tanto devotamento não sofreu sem razão.

O tempo nos facultará novas oportunidades para seguirmos anotando novos tópicos para o nosso maior entendimento.

Lembranças aos amigos. Querida Lillian, muito grato ao seu carinho de irmã. E para ambos, meus pais queridos, todo o coração do filho que lhes deve tanto e que, por isso mesmo, lhes será sempre dedicado e reconhecido.

PAULINHO

Mãezinha e Papai queridos ...

*... não me lamentem a prova,
porque a prova foi justa,
dando-me saber
que Deus unicamente nos concede
o melhor que sejamos
capazes de receber.*

Nota final

Prezado leitor:

Chegamos ao final deste volume e você conosco.

Os fatos e as pessoas aqui estão.



Saudade e esperança, dor e alegria se entrelaçam no contexto, somando certeza do reencontro entre os que se amam na vida imortal.

De nossa parte, os agradecimentos aos mensageiros da Espiritualidade que nos forneceram estas páginas e o nosso respeitoso apreço aos entres queridos aos quais se dirigiram e que nos doaram os seus melhores testemunhos de aceitação da verdade, valorizando-nos o trabalho na divulgação dos ensinamentos de Jesus e na construção do reconforto e da paz.

Os Editores



1.00



FELIZ REGRESSO

Francisco Cândido Xavier
Espíritos Diversos

